



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria Alexandra Faria Machado de Abreu

**O Ensino da Escrita Argumentativa a
partir de Sermões do Padre António Vieira**

outubro de 2013



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria Alexandra Faria Machado de Abreu

O Ensino da Escrita Argumentativa a partir de Sermões do Padre António Vieira

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas
no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação do
Prof. Doutor António Carvalho da Silva

outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: Maria Alexandra Faria Machado de Abreu

Endereço Eletrónico: malexabreu@gmail.com

Bilhete de Identidade N.º 11914438

Título do Relatório:

O Ensino da Escrita Argumentativa a partir de Sermões do Padre António Vieira

Supervisor: Prof. Doutor António Carvalho da Silva

Ano de Conclusão: 2013

Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTE RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 28 / 10 / 2013

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A vida é repleta de barreiras e de medos que devemos ultrapassar: esta etapa foi, sem dúvida, um longo caminho que tive de percorrer enfrentando alguns obstáculos, mas, com a ajuda e incentivo de pessoas que nunca me deixaram cair nem desistir, posso dizer, com alegria, que cheguei ao fim deste percurso académico.

Assim chega o momento de deixar aqui os meus mais profundos e sinceros agradecimentos, em primeiro lugar, ao Doutor António Carvalho da Silva, que esteve sempre presente e disponível na orientação deste meu relatório de estágio.

Em segundo lugar, aos orientadores cooperantes da Escola Secundária de Alberto Sampaio, ao Mestre Eduardo Coelho e à Dr.^a Alívio Ribeiro, pelo auxílio prestado durante a lecionação das aulas da intervenção pedagógica.

Em terceiro lugar, à Doutora Ana Lúcia Curado pela sua permanente preocupação e disponibilidade para que esta etapa fosse concluída.

Aos meus “alunos”, pela sua colaboração e empenho durante as aulas e porque sem eles nada disto seria possível.

À Diretora da Escola, pela forma como nos acolheu e nos abriu as portas da sua instituição.

Agradeço ainda, profundamente, à minha grande amiga Sandra Lopes, pela ajuda prestada durante a elaboração deste relatório e, sobretudo, pelas suas palavras de apoio e de incentivo para que este sonho se tornasse realidade.

Por último, aos meus pais e ao meu namorado pela paciência e carinho que sempre demonstraram nesta fase complicada da minha vida.

Um sincero muito obrigado a todos!

O Ensino da Escrita Argumentativa a partir de Sermões do Padre António Vieira

Maria Alexandra Faria Machado de Abreu

Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3º Ciclo
do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Universidade do Minho, outubro de 2013

RESUMO

O presente Relatório de Estágio funcionou como ferramenta de observação e análise das atividades propostas durante a realização do Plano de Intervenção. A implementação deste projeto ocorreu na disciplina de Português e na Oficina de Latim, na Escola Secundária Alberto Sampaio.

A escolha da temática do projeto de intervenção surgiu durante o período de observação de aulas como forma de apelar e desenvolver as capacidades textuais e argumentativas dos alunos.

Na área da docência de Português as atividades focalizaram-se sobretudo na leitura e análise dos textos argumentativos nomeadamente o discurso do Barack Obama dirigido aos estudantes e sermões do Padre António Vieira (sermão de Santo António aos Peixes e o sermão da Sexagésima). Na última aula de Português realizou-se uma Oficina de Escrita como atividade de produção de um texto argumentativo a partir dos temas fornecidos aos alunos. Relativamente à Oficina de Latim, o projeto de intervenção tinha como finalidade demonstrar aos alunos a importância da religião na antiguidade, apontando como exemplos alguns deuses da mitologia clássica. Na parte final da aula foi pedido aos alunos que elaborassem um texto argumentativo como forma de desenvolver as suas opiniões acerca da matéria dada na aula.

Em suma, a intervenção pedagógica revelou-se positiva e enriquecedora durante o ano letivo. Os alunos demonstraram empenho e dedicação o que se tornou bastante produtivo para o nosso desempenho enquanto professores estagiários e futuros profissionais.

The teaching of argumentative writing based on Sermões of Padre António Vieira

Maria Alexandra Faria Machado de Abreu

Master of Portuguese and Classical Languages Teaching in the 3rd

Grade of Basic School and in the Secondary School

Minho University, 2013

ABSTRACT

The present internship report served as a registration tool of observation and analysis of the proposed academic school activities for the execution of the intervention plan. The implementation of this project occurred during the Portuguese class and the Latin workshop on Escola Secundária de Alberto Sampaio.

The project theme came up during the observation period of the classes has a way of incentive for developing writing habits, textual capacities and argumentative skills of the students.

On the Portuguese class the activities were focused on reading and the analysis of argumentative texts, namely Barack Obama's speech addressed to American students and the lectures of Padre António Vieira (*Sermão de Santo António aos Peixes e Sermão da Sexagésima*). In the last Portuguese class there was an activity centered on a writing workshop, the students were asked to write an argumentative text based on themes supplied by them.

Regarding Latin Workshop, the intervention project aimed to demonstrate to students the importance of religion in antiquity, citing as examples some gods of classical mythology. At the end of class, students were also asked to write an argumentative text as a way to develop their opinions about the material discussed in class.

In short, the Pedagogical intervention was positive and enriching for our professional development throughout the school year.

Finally, the students, demonstrating commitment and dedication managed to develop a positive way to improve our performance as an intern teacher and as future professionals of Teaching.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	14
Capítulo I – Enquadramento teórico: o ensino da escrita.....	16
1.1 O processo de escrita.....	16
1.2 Os Subprocessos da escrita.....	18
1.2.1 Planificação.....	19
1.2.2 Textualização.....	20
1.2.3 Revisão.....	21
1.3 A escrita nos programas de Português.....	21
1.4 A aprendizagem da escrita na escola e na aula de Português.....	23
1.5 O texto literário na aula de Português.....	24
1.5.1 O Padre António Vieira e o Barroco.....	25
1.6 A questão da Argumentação.....	29
1.6.1 O texto argumentativo e a escrita.....	30
Capítulo II – Descrição e desenvolvimento do projeto de intervenção.....	34
2.1 Enquadramento contextual.....	34
2.2 Observação de aulas.....	35
2.3 Atividades realizadas.....	37
2.3.1 Atividades realizadas nas aulas de Português.....	37
2.3.2 Análise dos textos.....	39
2.3.3 Atividades realizadas nas aulas de Latim.....	43
2.3.4 Análise dos textos.....	43
Capítulo III - Conclusão.....	46
Referências bibliográficas.....	48
Anexos.....	50

INTRODUÇÃO

O presente Relatório surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e servirá como reflexão sobre o trabalho realizado ao longo do período de observação e de lecionação de aulas, durante o estágio profissional que se realizou na Escola Secundária de Alberto Sampaio (ESAS), numa turma de Português [(do 11ºano) e numa oficina de Latim (10º,11º e 12º anos)].

Neste contexto, e como o título deixa antever, propus-me a trabalhar as capacidades expressão escrita, mais especificamente ao nível do texto argumentativo tendo por base a leitura crítica do *Sermão da Sexagésima* do Padre António Vieira.

Trabalhar a expressão escrita na escola torna-se pertinente pelo papel que esta assume na aula de língua materna enquanto objeto e meio de transmissão de conhecimentos. Aliás à escola é atribuída a função de “incrementar a capacidade de compreensão e expressão oral e escrita do aluno” (ME-DES, 2002: 3).

A pertinência de trabalhar o texto argumentativo resulta também da necessidade de instituir na aula de Português uma oficina de escrita, em que sejam trabalhadas as tipologias textuais e revistas as dificuldades dos alunos, que foram verificadas no contexto de sala de aula aquando da observação, perante as práticas de argumentação e contra-argumentação textual. A escolha do *Sermão da Sexagésima* surge pelo facto de a obra se enquadrar no programa do 11º ano e, sobretudo, por se tratar de um dos textos de índole argumentativa mais conceituado.

Neste sentido, para que os alunos desenvolvessem capacidades argumentativas e competências de escrita, para que compreendessem que o texto argumentativo escrito deve ser convincente e persuasivo para o leitor a que se destina; para que fosse possível desenvolver os conhecimentos e as competências dos alunos ao nível da expressão escrita, tendo em vista, igualmente, a sua progressão como cidadãos participantes na sociedade e como futuros profissionais; para que os alunos conseguissem produzir um texto tendo em conta os processos de planificação, textualização e revisão foi realizado um projeto de intervenção (ver em Anexo 1) que teve como base os seguintes objetivos gerais:

- Descrever as motivações e dificuldades dos alunos ao nível da escrita;
- Promover atividades de escrita associadas a textos argumentativos;
- Praticar a estrutura argumentativa dos textos (tese, antítese, síntese);
- Avaliar, ao nível da escrita, a expressão de ideias, de opiniões e de factos de forma pertinente e fundamentada;
- Verificar a influência dos processos do texto argumentativo sobre o recetor.
- Fomentar os conhecimentos dos alunos acerca da religião na Antiguidade e da mitologia clássica.

Estrutura e organização do relatório

Depois desta apresentação, o primeiro capítulo deste relatório ostenta um breve enquadramento teórico sobre a escrita e os seus subprocessos (planificação, textualização e revisão), uma reflexão sobre a aprendizagem da escrita na escola, mais especificamente na aula de Português, com o objetivo de fundamentar as opções que se tomam no âmbito do ensino da escrita. Ainda no enquadramento teórico far-se-á uma breve contextualização sobre o Barroco e o escritor dessa época o Padre António Vieira, uma vez que este foi o autor escolhido para trabalhar com os alunos as capacidades de escrita.

O segundo capítulo centra-se na reflexão sobre a observação de aulas e, sobretudo, na análise das aulas de Português lecionadas de acordo com o Plano de Intervenção. Assim, primeiramente, será identificado o contexto que contribuiu para a construção do Plano de Intervenção e que o permitiu colocar em prática. Neste ponto serão identificados os instrumentos e materiais utilizados aquando da intervenção.

A última parte do relatório de estágio será dedicada às conclusões do plano de intervenção colocado em prática. Nos anexos, que surgem na parte final do relatório, será disponibilizado o Plano de Intervenção na íntegra, bem como o material que foi disponibilizado aos alunos e os textos realizados por estes aquando da oficina de escrita.

CAPÍTULO I

Enquadramento teórico: o ensino da escrita

Este capítulo surge enquanto fundamentação teórica sobre a escrita, objecto da intervenção pedagógica. Assim, importa reflectir sobre a escrita enquanto processo e sobre a importância dos seus subprocessos (planificação, textualização e revisão), os quais foram trabalhados com os alunos durante a intervenção nas aulas no sentido de melhorar a sua competência de produção textual.

Num segundo ponto, será apresentada uma breve análise da expressão escrita de acordo com o programa de Português em vigor. Ainda no enquadramento teórico apresentar-se-á uma reflexão sobre a aprendizagem da escrita na escola e na aula de Português e sobre a importância do texto literário na mesma. Por fim, e uma vez que o texto argumentativo foi o tipo de texto escolhido para trabalhar com a turma de Português, far-se-á um enquadramento da argumentação e seguir-se-á uma apresentação do entendimento do texto enquanto discurso argumentativo.

1.1 O processo de escrita

Desde sempre a escrita representou uma função fundamental de registo da cultura e da civilização humanas, daí a conhecida expressão latina “*verba volant, scripta manent*”, ou seja, “as palavras voam, os escritos permanecem”.

Hodiernamente, a escrita desempenha um papel fundamental no registo das memórias humanas, sobretudo na era das tecnologias da comunicação e da informação (TIC):

“A escrita é uma força determinante na resistência aos efeitos delapidadores do Tempo. Contra todas as evidências da perenidade da vida, sempre o Homem teimosamente se projectou em marcas que pudessem atestar de forma definitiva a sua breve passagem pelo mundo. Também a escolha cada vez mais exigente dos materiais de suporte da escrita visa uma opção de resistência que demarque definitivamente a memória (individual ou colectiva) da precibilidade da mente humana.” (Reis, 2003: 15)

Podemos, entretanto, referir que a escrita e a própria actividade de escrever se englobam no conjunto de actividades comunicativas praticadas pelo ser humano. Deste

modo, o contexto, a sociedade, a cultura e os recetores são essenciais para que este tipo de comunicação seja desenvolvido de forma plena e satisfatória.

Em simultâneo, é importante ter noção da mudança de perspetiva no ensino da escrita, passando-se de uma atitude mais “prescritiva” ou avaliativa dos textos para uma postura mais “descritiva”, em que os alunos trabalham os textos nas suas diferentes fases (“pré-escrita, escrita e pós-escrita”), como se pode concluir das afirmações de Humes (1983: 201)

“Ao mesmo tempo, abandona-se uma atitude predominantemente prescritiva, baseada na abordagem de textos considerados exemplares, sobretudo de natureza literária, e passa-se a adotar uma atitude mais descritiva, fundada na observação da actividade de sujeitos concretos a escreverem os seus textos. A partir desta observação de indivíduos que escrevem começa a ser posta em causa uma concepção linear do acto de escrita, visto como uma sucessão de fases (pré-escrita, escrita e pós-escrita), que descreve o desenvolvimento dos textos/produzidos, mas nada nos diz acerca dos processos interiores das pessoas que os constroem.”

A atitude interior e crítica de cada sujeito deve ser desenvolvida e analisada, de modo a perceber todo o processo de construção realizado, tendo como produto final o próprio texto. O importante não é somente construir, mas sobretudo a forma como se constrói o texto escrita, tal como refere Carvalho a partir de Castro (1995: 80):

“Antes de mais, importa considerar que, normalmente, se ensina e se aprende a escrever no âmbito de uma disciplina, a de língua materna, que apresenta como característica específica o facto de o seu objecto (de ensino/aprendizagem), a língua, ser, simultaneamente, o meio da sua própria transmissão.”

Deste modo, podemos dizer que a expressão escrita funciona como um método de intervenção pedagógica através do qual os alunos têm uma maior ligação a outros domínios além da própria escrita. Assim, para que os alunos aprendam a escrever é necessário realizar uma construção e um desenvolvimento dos seus conhecimentos de Língua Portuguesa, sendo este considerado um novo paradigma a nível da educação.

“A intervenção educativa durante o processo de construção discursiva permite, por um lado, oferecer ajudas para melhorar o texto antes de o terminar; por um lado, permite mostrar aos estudantes que escrever é um processo complexo de construção e reconstrução textual, isto é, permite modelizar a conduta dos estudantes para que concebam que escrever é planificar, escrever e reescrever, que nenhum escritor redige o texto de uma só vez. Torna possível, assim, que os aprendizes se iniciem em operações de planificação, que aprendam a escrever reconsiderando os seus planos e que aprendam a rever em todos os níveis.” (Lomas, 2003: 209).

Pretende-se, por conseguinte, a partir da intervenção educativa, que os alunos desenvolvam competências ao nível da planificação, da textualização e da revisão do texto argumentativo. Sendo que o ensino da escrita é constituído por três dimensões fundamentais: a planificação, na qual são estabelecidos objetivos de comunicação, o tipo de texto e discurso; a textualização, na qual se valoriza toda a organização linguística do texto; e a revisão que trata sobretudo da verificação dos resultados textuais obtidos; então teremos de realizar estratégias de intervenção pedagógica que permitam trabalhar essas dimensões.

1.2 Os subprocessos da escrita

Nas últimas décadas do século XX, foram desenvolvidos modelos descritivos e analíticos no sentido de explicar os processos mentais que ocorrem durante o ato de a escrita. Neste sentido, os autores Flower & Hayes recorreram ao seguinte fluxograma:

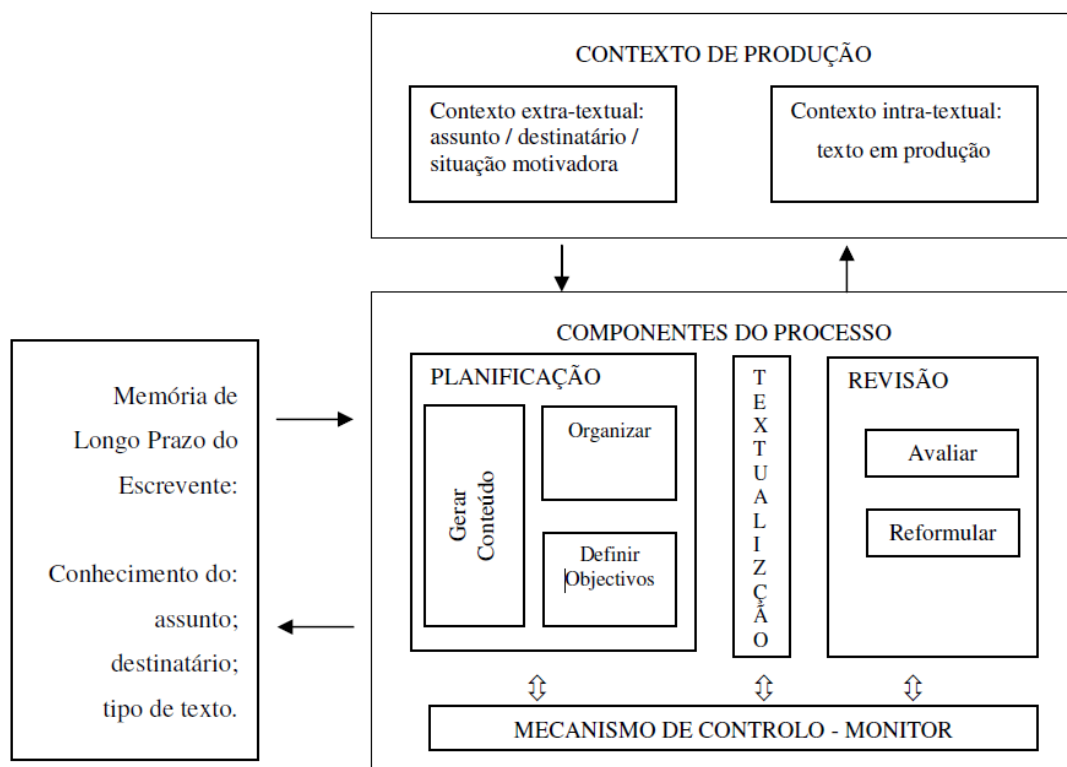


Figura 1 - Modelo de Escrita de Flower e Hayes (1981)

De acordo com este modelo processual o “contexto de produção” subdivide-se em contexto extra-textual (assunto, destinatário e situação motivadora) e intra-textual (texto em produção). O segundo domínio apresenta os subprocessos da planificação, da redação e revisão e o mecanismo de controlo, que confirma a passagem de um subprocesso para outro, tendo em conta os objetivos pretendidos para o processo de escrita. Neste modelo constata-se ainda o domínio da memória a longo prazo no qual é contemplado o assunto, o alocutário e o tipo de texto a produzir, concluindo-se assim o papel fundamental dos processos cognitivos no ato de escrita – o que o torna um trabalho particularmente exigente para os alunos.

1.2.1 Planificação

Entretanto a planificação diz respeito ao momento em que o escrevente recorre à memória e ao contexto para procurar e selecionar a informação que será envolvida na construção do texto. A planificação permite igualmente descobrir o propósito de cada texto, o tipo de público a que se destina e por fim as regras que devemos respeitar na produção do texto.

No contexto de sala de aula, o problema maior surge porque a maioria dos alunos não tem o hábito de realizar a planificação do texto ou a sua estruturação prévia, passando de imediato à realização textual. Segundo Carvalho (1999: 74), as grandes dificuldades prendem-se

“com o conseguir conteúdo suficiente, quer porque os sujeitos sabem pouco sobre os assuntos sobre os quais têm que escrever, quer porque, não possuindo estratégias de busca e selecção de informação na memória, têm dificuldade em ter acesso a conhecimentos que de facto possuem, na ausência das pistas fornecidas do exterior”.

Durante a planificação os alunos devem ser motivados para a composição de programas de trabalho como forma de expor as suas reflexões relativas ao tema apresentado, devem também fazer uma selecção de perceções elementares para a construção do texto tendo em atenção a sua estrutura e finalmente devem ter em conta os conhecimentos do recetor acerca do tema. Deste modo, podemos referir que a planificação é fundamental para que o aluno desenvolva o tema proposto e adeque as

suas ideias ao contexto e aos destinatários. Até se poderia dizer que saber planificar é “meio caminho andado” para saber escrever um texto.

Segundo Calkins (1989: 127) é fundamental que os alunos “planejem suas estratégias de escrita, e que a escrita seja feita durante o tempo em que os estudantes podem receber *feedback* acerca do trabalho que está sendo realizado”. Fundamental, a nosso ver, este acompanhamento do professor no processo de escrita.

Por sua vez os autores Flower & Hayes, apresentam a planificação como “o processo através do qual quem escreve forma a representação interna do saber, representação essa que tem um carácter mais abstracto do que a sua representação linguística” (Flower & Hayes, 1981: 372). Em suma, escrever é, desde logo, uma complexa combinação entre um processo cognitivo e outro linguístico, que dá sequência ao anterior.

1.2.2 Textualização

A textualização diz respeito ao momento em que as ideias seleccionadas e organizadas durante a planificação passam para a linguagem escrita. A elaboração do primeiro rascunho deve realizar-se em seguimento do plano de texto. Aliás, Amor (1994: 112) refere que depois da planificação segue-se a “conversão, em linguagem e em texto, do material seleccionado e organizado”.

Elaborado o primeiro rascunho, que pode ser alterado à medida que o escrevente o relê, o aluno para escrever com clareza e coerência deve ter em conta, para além de executar as várias revisões, as regras da coesão e da coerência textuais. A escolha do registo que o escrevente adota dependerá do tema, da finalidade e do público a quem o texto se dirigirá.

Como foi referido no ponto precedente, a realização dos textos é para muitos o único processo no qual se concentram, ou seja, a escrita é entendida, nesse tipo de práticas, apenas como produto, limitando-se à dimensão da textualização. Acerca deste ponto Carvalho (2001:75) aponta a textualização como sendo “a componente que mais absorve o escrevente em desenvolvimento, a ponto de ele praticamente não ter condições, em termos cognitivos, para considerar as outras dimensões do processo.” Assim se compreende como é necessário, em termos das práticas de língua, apostar no treino de capacidades de composição textual.

1.2.3 Revisão

Por sua vez, a revisão corresponde ao momento em que o escrevente revê as ideias que foram traduzidas em linguagem escrita. Ainda que este seja o último momento considerado, a revisão do texto pode ocorrer, também, durante a produção do mesmo. Tal não significando, no entanto, que uma revisão final e mais aprofundada do texto não deva ser considerada, até porque a revisão realizada durante a produção textual centra-se por vezes apenas na correcção de aspectos mais formais (erros ortográficos ou de pontuação).

A revisão é também vista como um elemento complicado porque é o “motor do próprio processo de escrita” (Carvalho, 2003: 49), sobretudo na medida em que exige a “colocação de quem escreve no papel de alocutário” (*Idem*: 50).

Sendo esta a última fase do processo de escrita, ele requer que se faça uma nova apreciação do texto elaborado para executar, caso necessário, alterações e correcções. De acordo com Flower & Hayes (1981: 374), a revisão é “um processo no decurso do qual o sujeito que escreve decide ler o que foi escrito previamente, quer como ponto de partida para uma nova fase da redacção, quer com o objectivo de avaliar e, eventualmente, alterar”.

1.3 A escrita nos programas de Português

Os programas atribuem um grande valor à linguagem escrita e simultaneamente ao trabalho que a escola desempenha sobre esta no que respeita ao seu progresso e aplicação. Como refere Barbeiro (1999: 12), “os programas de ensino não constituem uma mera enumeração de conteúdos ou subdivisões relativas ao objecto de estudo, mas relacionam, de uma forma que se pretende articulada, esses conteúdos com objectivos a atingir com a escolarização”.

O programa de Português considera importante na aula de língua materna “o exercício do pensamento reflexivo pela importância de que e reveste no desenvolvimento de valores, capacidades e competências decorrentes do processo de ensino formal, atribuindo à escola a função de incrementar a capacidade de compreensão e expressão oral e escrita do aluno”(ME-DES, 2002: 2).

De acordo com os “Princípios Orientadores da Revisão Curricular”, o programa do 10º ano dos cursos Científico – Humanísticos e Cursos Tecnológicos do décimo ano pretende

“assegurar que todos os alunos, independentemente do percurso escolhido, desenvolvam e aprofundem o seu domínio da língua portuguesa através do conhecimento explícito das suas estruturas e funcionamento. Deve fazer-se a análise e estudo de textos literários, assim como de outros de diversa natureza com valor educativo e formativo. Conhecidas as dificuldades de muitos alunos na expressão escrita, serão produzidos vários tipos de textos que incentivem a interactividade entre a oralidade e a escrita”. (ME-DES, 2002: 3).

O processo de escrita deve passar por várias etapas, nomeadamente a compreensão do conteúdo, a seleção de dados e a estruturação tendo como intuito persuadir o destinatário da mensagem.

“Foi ao distanciar-se da fala, pela natureza diferenciada do seu processamento e pela distinção complementar das suas funções sociais, que a escrita se foi complexificando e intelectualizando.

Esta sofisticada estruturação torna dificilmente natural ou espontânea a sua aprendizagem. Acentua-se então a necessidade de um processo explícito de mediação dos adultos e dos pares na produção compartilhada da escrita, quer na apropriação inicial dos primeiros registos de coisas contadas, quer no desenvolvimento da comunicação escrita diferenciada, para produzir tipos de textos adaptados às distintas actividades sociais que a escrita serve” (Niza, 2007: 15).

Este é um processo em constante evolução, pelo que os professores devem necessariamente incluir na sala de aula atividades que permitam fomentar a prática de escrita nos alunos, como forma de os auxiliar para o desenvolvimento das suas capacidades.

No sentido de se perceber melhor o alcance do domínio na escola na formação das competências em língua, considerem-se objetivos da disciplina de Português (ME-DES, 2002: 7):

- Desenvolver os processos linguísticos, cognitivos e metacognitivos necessários à operacionalização de cada uma das competências de compreensão e produção nas modalidades oral e escrita;
- Interpretar textos/discursos orais e escritos, reconhecendo as suas diferentes finalidades e as situações de comunicação em que se produzem;
- Desenvolver capacidades de compreensão e de interpretação de textos/discursos com forte dimensão simbólica, onde predominam efeitos estéticos e retóricos,

nomeadamente os textos literários, mas também os do domínio da publicidade e da informação mediática;

- Desenvolver o gosto pela leitura dos textos de literatura em língua portuguesa e da literatura universal, como forma de descobrir a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua e de ampliar o conhecimento do mundo;
- Expressar-se oralmente e por escrito com coerência, de acordo com as finalidades e situações de comunicação.
- Proceder a uma reflexão linguística e a uma sistematização de conhecimentos sobre o funcionamento da língua, a sua gramática, o modo de estruturação de textos/discursos, com vista a uma utilização correcta e adequada dos modos de expressão linguística;
- Utilizar métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC);
- Desenvolver práticas de relacionamento interpessoal favoráveis ao exercício da autonomia, da cidadania, do sentido de responsabilidade, cooperação e solidariedade.

1.4 A aprendizagem da escrita na escola e na aula de Português

A aprendizagem da linguagem escrita, contrariamente à aprendizagem da linguagem oral, não é um processo inato e natural, ou não fosse a escrita, como vimos, uma actividade realmente complexa. A elaboração de um texto implica a participação ativa do escrevente na elaboração e organização de pensamentos e de ideias, pelo que não é uma tarefa mecânica de registo de informação.

Um escritor-escritor considerado competente no momento da textualização elabora esquemas e planifica a estrutura do texto; revê o que escreve várias vezes para que o produto final seja um texto com sentido e coerência.

Para tal, o aluno durante todo o seu percurso escolar deve ter acesso ao ensino de técnicas e procedimentos que lhes permitam tomar consciência das suas aprendizagens e dificuldades, bem como dominar e gerir adequadamente os processos de planificação, de textualização e de revisão textual.

No entanto, e ainda que a escrita seja considerada um instrumento fulcral nas aulas de língua materna, até porque é “através da linguagem escrita se ensina, se aprende e se avalia quase todo o saber que a escola proporciona” (Niza, 1997: 24), a

verdade é que esta é realizada, sobretudo, na concretização de apontamentos e na realização de tarefas de avaliação escrita. Aliás, como refere Amor (1993:114) “a reprodução de conhecimentos, sobretudo em momentos de avaliação, parece mesmo ser a principal função atribuída à escrita na escola actual”.

Entretanto, a avaliação formativa representa um papel fundamental na aprendizagem dos elementos que permitem a elaboração textual. Contudo, a avaliação não deve centrar-se simplesmente no produto final, mas igualmente no processo. A avaliação formativa permitirá ao aluno a tomada de consciência dos procedimentos adotados, dos seus resultados e das concepções utilizadas. Nesse sentido e de acordo com Barbeiro (1999:55) a consciência metalinguística

“possibilita, enquanto conhecimento explícito das formas e funções, a construção de um discurso sobre os traços formais da linguagem que é objeto de análise. A partir do conhecimento do sistema, este discurso desempenha um papel fundamentador das formas da linguagem que, na perspectiva do sujeito, devem estar presentes na comunicação”.

1.5 O texto literário na aula de Português

De acordo com Lomas (2006: 89) “até bem ao fim dos anos sessenta, o texto literário era praticamente o único texto que se apresentava na escola na sua dupla função privilegiada de modelo do “bem escrever” e de experiência estética e, ao mesmo tempo, ética”. O mesmo autor refere, tendo em conta os programas de 1963 do Ciclo Inicial de Ensino, que os textos literários eram praticamente o único tipo de texto possível de se ler na sala de aula.

Só a partir dos anos setenta é que começaram a ser introduzidos, também, autores contemporâneos de textos não literários. Assim, “o texto literário perdia toda a sua especificidade e era utilizado como pretexto para um discurso temático ou, já em poucos casos, ainda como exemplo de «bem escrever»” (Lomas, 2006: 90).

Hodiernamente, os programas já enquadram o texto literário dentro de uma tipologia de textos mais diversificados. No que diz respeito à leitura do texto literário, esta deve

“ser estimulada pois contribui decisivamente para o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, integrando as dimensões humanista, social e artística, e permite acentuar a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua.

Nesse sentido, são seleccionados para leitura obrigatória autores/textos de reconhecido mérito literário que garantam o acesso a um capital cultural comum.” (ME-DES, 2002:5)

“Os novos programas do Ensino Secundário contemplam, inclusivamente, a leitura de textos literários fáceis com o objectivo de cativar nos «alunos interpretativos elementares»” (Lomas, 2006: 90). Ainda relativamente a este ponto, Lomas (2006:90) refere o facto de o termo “interpretação” não ser mais do que a compreensão do conteúdo e do texto e de o aluno ser orientado segundo a intencionalidade do autor, colocando-se de parte quase sempre a participação ativa do aluno-leitor na construção do sentido do texto.

Quando os alunos principiam o Ensino Secundário, ou até o Ensino Básico, possuem já alguns conhecimentos dos denominados “modelos” literários. Estes conhecimentos devem-se a leituras anteriores, a vivências com a linguagem e ao contacto com histórias contadas por adultos.

O uso de textos literários na sala de aula, enquanto meio de aprendizagem, e a utilização de estratégias significativas podem refletir o texto como atividade cultural, para além da contribuição desta atividade para a escrita.

1.5.1 Padre António Vieira e o Barroco

A questão que se coloca, neste momento, é tentar saber, em traços gerais, quem foi o Padre António Vieira e quais são os aspectos centrais da sua obra, que foram tidos em conta na implementação das actividades relacionadas com o projeto.

António Vieira, personagem carismática, homem de luta, de objetivos e princípios que o acompanharam até ao fim dos seus dias. Foi um grande diplomata, político, missionário, catequista, profeta, orador e escritor. Um ser humano incansável na luta pelos mais desfavorecidos, tendo como objetivos a dignidade humana, a igualdade de direitos e o respeito entre os povos.

Nasceu no dia 6 de fevereiro de 1608 na cidade de Lisboa, e logo cedo se revelou uma identidade preponderante na política e na oratória, evidenciando-se como um grande missionário no Brasil. Em terras brasileiras, António Vieira lutou pelos direitos humanos dos Índios e procurou levar até eles a palavra de Cristo, como forma

de os evangelizar e de lhes transmitir paz, fé e segurança. E, deste modo, ficou conhecido como o “Grande Pai” entre os indígenas.

Simultaneamente, António Vieira defendeu os judeus, pugnou pela supressão da escravatura e pela anulação da distinção entre os chamados cristãos-velhos e cristãos-novos. Contudo, teve que se defrontar com a Inquisição, da qual foi uma vítima em 1665, sendo acusado de heresia, condenado à reclusão e proibido de pregar a sua palavra. Segundo o professor António Soares Amora, António Vieira foi:

“o primeiro escritor moderno a sentir e a expressar em superior obra de arte o drama do sofrimento do homem escravo. (...) Ninguém antes dele, com tanta agudeza, penetrou no sentido trágico da vida do homem escravizado e ninguém em todo o século XVII e XVIII disse mais ousadas verdades contra a desumanidade do sistema escravocrata (Niskier, 2004:81).”

Homem de causas e de lutas, António Vieira, apesar de muitas vezes ser maltratado pela sociedade da época, que o considerava um louco e cuja palavra não fazia qualquer sentido, nunca desistiu e foi obtendo frutos positivos nas suas intervenções. António Vieira transmitia a sua palavra através de sermões por ele elaborados, tendo como intuito persuadir e convencer os seus ouvintes de que a palavra de Cristo seria a salvação para todos os males. O seu primeiro sermão ocorreu em 1633, aos 25 anos de idade, no qual passou a seguinte mensagem:

“Que coisa há na confusão deste mundo mais semelhante ao inferno que qualquer destes vossos engenhos e, tanto mais, quanto de maior fábrica? Por isso foi tão bem recebida aquela breve e discreta definição de quem chamou a um engenho de açúcar doce inferno. E verdadeiramente quem vir na escuridade da noite aquelas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes: as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma pelas bocas ou ventas por onde respiram (...).Mas, se entre todo esse ruído as vozes que se ouvirem forem as do Rosário, orando e meditando os mistérios Dolorosos, todo esse inferno de converterá em Paraíso: o ruído em harmonia celestial; é os homens, posto que pretos, em Anjos” (Niskier, 2004: 34)

Os seus sermões serviram de mote para a sua imortalização, evidenciando as suas capacidades argumentativas e segurança durante as suas exposições. É sem dúvida um marco na história da humanidade, um exemplo de coerência e bom senso perante os dilemas da sociedade da sua época.

Como ser humano, António Vieira dedicou-se, plenamente, a servir a sua pátria e a defender as causas da Companhia de Jesus, da qual fazia parte, protegendo, defendendo e acolhendo os povos padecedores de injustiças. Através das suas pregações tornou-se um veículo de interação e ligação entre os povos e as diversas culturas.

A vida de António Vieira coincidiu com a época barroca (século XVI e século XVII), durante a qual o mundo se encontrava em plena transformação e construção, provocando instabilidade no pensamento do ser humano. A época barroca significava um movimento e mudança, em que nada era totalmente definitivo.

A arte barroca adequa-se perfeitamente ao discurso Vieirense, tendo em conta os seus objetivos de persuadir, demover, convencer e seduzir os seus ouvintes. É uma afirmação da vida, que apesar da sua multiplicidade e da sua antinomia contesta o ideal do pensamento clássico, numa tentativa de interação com o povo e com a própria vida.

O seguinte excerto do *Sermão do Mandato* (1655: 55) de Padre António Vieira demonstra bem a (sua) conceção do discurso literário barroco:

" Com duas comparações ou metáforas, declara S. Paulo este fazer-se e desfazer-se: com metáfora da roupa que se veste e se despe, e com metáfora do vaso que se enche e se vaza. Com metáfora da roupa que se veste e se despe: *Habitu inventus ut homo*; com metáfora do vaso que se enche e vaza: *Exinanivit semetipsum* e ambas as metáforas parece que as tomou S. Paulo do mesmo ato do lavatório em que estamos. [...]. E, sendo isto o que se fez no dia da Encarnação, tudo isto - quanto à vista dos olhos humanos - se desfez no dia e no ato de hoje. Porque, lançando-se Cristo aos pés dos homens, e tais homens, e fazendo-se servo seu, e servo em ministério tão vil e tão abatido, parece que Deus se despira outra vez da humanidade de que estava vestido, desunindo-se dela, e que a mesma humanidade, que estava cheia de Deus, perdida a união com a divindade, ficara totalmente vazia: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens*. E foi isto assim como parece? Não. Mas, posto que a humanidade de Cristo por este ato não perdeu a união com a divindade, nem deixou de estar tão cheia de Deus como dantes estava, abaixar-se, porém, e pôr-se em estado tão abatido, que o parecesse ou pudesse parecer aos homens, foi uma diferença tão notável e tão estupenda, que só o mesmo S. Paulo a pode ponderar e encarecer".

O discurso literário barroco distingue-se, normalmente, pelo exagerado culto da forma, tendo como objetivo persuadir e apelar aos sentidos dos seus ouvintes, através do uso de metáforas, antíteses, paradoxos hipérbolos e alegorias. Estas são também as figuras de estilo mais características de todos os sermões do Padre António Vieira.

O barroco surgiu em Itália, entre os séculos XVI e XVIII como uma espécie de reflexo da instabilidade religiosa que se fazia sentir e pela necessidade de mudança. Deste modo, os discursos proferidos nesta época possuíam temáticas sobre o desengano da vida e dos homens, a ilusão do mundo, a relação com o divino, a moral religiosa, a morte e sobretudo os sentimentos.

No barroco podemos igualmente verificar uma grande preocupação e dedicação ao culto das formas e das palavras, tal como se verifica no seguinte excerto do *Sermão da Sexagésima* (p.39) do Padre António Vieira:

“este desventurado estilo de pregar, não é de pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chama-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. (...) É possível que somos portugueses, e havemos de ouvir um pregador em português (...) assim é necessário haver um vocabulário de púlpito. (...) Assim o disse o Ceptro penitente, assim o disse o Evangelista Apeles, assim o disse a Águia de África (...) Há tal modo de alegar! O Ceptro Penitente dizem que é David (...) o Evangelista Apeles, que é São Lucas; (...) a Águia de África, Santo Agostinho;”

Neste excerto, podemos verificar que António Vieira utiliza o seu discurso para criticar os cultistas, que consideravam o púlpito um verdadeiro mistério. Por outro lado, o barroco emergia num fenómeno de concetismo, sendo este uma espécie de jogo de ideias e conceitos, de alegorias sublimes, na tentativa de exaltar o sentimento de mudança e de vincar a ideia de eternidade.

Para António Vieira, o concetismo estava presente no poder de argumentação dos chamados “conceitos predicáveis, como era o caso de *Vos estis sal terrae*, no *Sermão de Santo António aos Peixes*.

Deste modo, podemos dizer que o barroco foi um processo que procurou alterar a sintaxe e a morfologia através do culto da forma e de jogos de conceitos para persuadir e convencer as chamadas minorias.

A valorização da arte de dizer e a arte da palavra apenas se tornou possível durante este processo, e este foi um dos aspetos mais marcantes para o Homem barroco, que sentia necessidade de mudar a natureza das coisas e tinha consciência da fragilidade do mundo e das contradições do infinito. O Homem necessitava de acreditar em algo concreto para vencer as suas dificuldades espirituais e renovar os seus sentimentos e, deste modo, a palavra do Evangelho proferida por António Vieira foi sem dúvida uma fonte de inspiração para aqueles que acreditavam neste processo de mudança. Acreditar em algo para agarrar a vida e pensar que a eternidade seria possível era muito importante para o Homem barroco, servindo como uma “tábua de salvação”.

Em suma, o Padre António Vieira foi um homem de luta, de persistência e dedicação às causas nobres. Homem capaz de mover céu e terra para atingir os seus objetivos e defender os mais desfavorecidos e incompreendidos pela sociedade da época. Os seus sermões são: “Obras que merecem ser eternizadas com caracteres de ouro.” Santo Ofício

1.6 A questão da argumentação

Desde sempre ou, pelo menos, desde que o homem começou a conviver com outros seres humanos que sente a necessidade de argumentar, de dar a conhecer aos outros as suas opiniões, de convencer os outros das suas visões das coisas.

Autores como Sócrates (470-400 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), Cícero (106-43 a.C.) e Isócrates (436-338 a.C. ou 336 a.C.) fundaram escolas de argumentação e são hoje associados à arte de bem falar e argumentar. Aristóteles definiu mesmo a argumentação como a “arte de falar de modo a convencer”.

Como qualquer arte, também a argumentação segue determinadas normas. Aliás, desde cedo os oradores começaram a aperceber-se de que para persuadir um auditório é necessário estruturar adequadamente as suas intenções. Primeiramente, no processo de argumentar, é necessário identificar o problema e, depois, os argumentos e contra-argumentos; por fim, h ordená-los adequadamente e usar as figuras de estilo mais adequadas.

Segundo Moreira & Pimenta (2010: 298), a argumentação “constitui uma prática discursiva que visa a persuasão e que apresenta e desenvolve, encadeando por afinidade ou contraste, premissas, provas (factos, exemplos, dados estatísticos, testemunhos...), raciocínios e os elementos aprovativos e refutativos”. Por sua vez, Veiga *et alii* (2004: 29) definem a argumentação “como um conjunto de procedimentos oratórios que são utilizados de modo a poder admitir uma tese”.

A oratória foi uma atividade bastante valorizada na Grécia Antiga, onde era denominada como a “arte de discursar em público”.

No *Sermão da Sexagésima*, é possível constatar o método da oratória seguido pelo Padre António Vieira: em primeiro lugar, definir a matéria, reparti-la, confirmá-la com a Sagrada Escritura, confirmá-la com a razão, amplificá-la, através de exemplos e tirar uma conclusão.

Neste sentido, “as partes constitutivas do método de pregar do Padre António Vieira são: o tema (em latim), a proposição, a divisão, a prova ou confirmação com textos da Sagrada Escritura [...], a amplificação com recursos aos lugares-comuns, a confutação e a peroração, momento onde se deveria colocar a conclusão e a insistência na persuasão” (Guerra & Vieira, 2000: 33).

Existem, em geral, diferentes tipos de oratória: forense ou jurídica, quando a palavra é usada para defender os direitos civis; política, se trata de deliberar sobre o bem

comum dos cidadãos; académica, se expõe temas culturais e sagrada, se o orador surge como portador da voz de Deus para transmitir uma mensagem divina. Por outro lado, de uma forma mais simplista, a oratória pode ser classificada enquanto profana, na qual se empenharam autores como Demóstenes na Grécia e Cícero em Roma, e sacra, destacando-se autores portugueses como Garrett e José Estevão.

1.6.1 O texto argumentativo e a escrita

Como se sabe num texto argumentativo apresenta-se a defesa de uma ideia, de uma opinião ou de uma tese.

É um tipo de texto que se constrói, como toda a argumentação, por meio de uma estrutura lógica. Assim sendo o texto argumentativo deve principiar por uma introdução, que ocupa normalmente um parágrafo e na qual é apresentado o tema, a tese a defender. Segue-se o desenvolvimento, em parágrafos que contém a explicitação e análise da tese referida no ponto anterior. Neste momento são apresentados os argumentos e contra-argumentos que provam a veracidade da tese. Por último, a conclusão que, tal como acontece na introdução, é constituída por apenas um parágrafo e na qual é realizada uma síntese daquilo que foi apresentado e defendido ao longo do desenvolvimento.

A produção de um texto argumentativo passa pelas seguintes momentos de construção, naturalmente relacionados com a retórica e a oratória clássica:

- A invenção (*inventio*), que diz respeito ao momento em que são selecionados os argumentos que melhor se adequam ao tema a defender;
- Em segundo lugar, a disposição das ideias (*dispositio*) e estruturação dos argumentos. Neste ponto é importante ter em conta o que se diz e para quem se diz. Planificar os argumentos permitirá ao orador evitar um discurso incoerente e contraditório;
- Em terceiro lugar a elocução (*elocutio*) que corresponde à fase em que é determinada expressão mais convincente para proferir o discurso;
- Por fim, o momento em que o discurso é proferido (*pronuntio*).

O texto argumentativo engloba vários componentes expositivos e/ou explicativos como forma de justificar um ponto de vista ou uma tese. Este tipo de texto tem como fundamento interligar factos, acontecimentos, circunstâncias e provas com a ajuda dos conectores discursivos, utilizando sempre o tempo presente.

Perante um texto argumentativo, o aluno deve executar algumas das seguintes ações:

- “Compreender e interpretar os textos;
- Distinguir factos de sentimentos e de opiniões;
- Reconhecer a dimensão estética da língua;
- Formular opiniões fundamentadas sobre os temas abordados;
- Reconhecer formas de argumentação, de persuasão e de manipulação;
- Desenvolver o gosto e a iniciativa de ler;
- Programar a produção escrita e oral observando as fases de planificação, execução, planificação;
- Produzir textos argumentativos orais e escritos, com correção e adequação à situação comunicativa;
- Conhecer e utilizar adequadamente os conectores argumentativos;
- Distinguir e produzir textos de diversas tipologias;
- Reflectir sobre o funcionamento da língua;
- Falar e escrever de modo mais adequado, mais correto e organizado.”

(Trindade, Brígida, *et al.*. 2011: 50)

O texto expositivo permite-nos ter conhecimento mais claro de alguns factos. Este tipo de texto de facto realça o fator exposição tendo como objetivo a observação de ideias, opiniões e hipóteses a partir da utilização do verbo ser e do verbo ter e salientando como tempo fulcral o presente.

Por seu lado, o texto narrativo consiste na descrição de factos ou episódios que acontecem no tempo e no espaço. Os episódios narrativos são fundamentais para que os leitores e ouvintes tenham conhecimento do desenrolar da ação. Neste tipo de texto é fundamental descrever os acontecimentos utilizando verbos que anunciem ações e tempos verbais no pretérito perfeito e pretérito imperfeito com advérbios de valor

temporal e locativo. Os elementos fulcrais do texto narrativo são: a descrição da acção, das personagens, espaço e tempo.

Por fim, o texto descritivo faculta dados fundamentais do texto, designadamente sobre os objetos, o tempo, espaço e pessoas. Nos textos descritivos é essencial advertir para a situação das pessoas e/ou das coisas através do uso do verbo ser e de outros verbos relacionados com particularidades, aspetos de seres e de objetos ou das suas propriedades. Neste tipo de texto podemos observar o uso de tempos verbais quer no presente quer no pretérito imperfeito e a presença de advérbios de lugar e adjetivos qualificativos.

Durante o treino escolar a elaboração do texto argumentativo é necessário ter em atenção que as suas diversas sequências devem estar interligadas por conectores discursivos ou articuladores do discurso para estabelecer um elo de ligação entre os vários momentos do texto.

Os conectores mais utilizados na construção do texto argumentativo são os seguintes, alguns dos quais trabalhados nas aulas da intervenção:

- Aditivos ou sumativos: *e, além disso, além do mais, e ainda, ainda por cima, e até, também, igualmente, do mesmo modo, não só... como também, não só...*
- Enumerativos: *em primeiro lugar, primeiramente, em seguida, finalmente, por último, depois...*
- Argumentativos: - Introdutores de um argumento: *de facto, na realidade, com efeito, aliás, porque...*
 - Introdutores de um contra-argumento: *mas, todavia, no entanto, contudo, pelo contrário, em todo o caso, sem embargo, não obstante...*
 - Introdutores de uma conclusão: *portanto, por consequência, assim, é por isso que...*
 - Introdutores de uma síntese: *em suma, no fundo, finalmente...*
- Concessivos/adversativos: *todavia, contudo, mas, embora, ao contrário...*
- Conclusivos e explicativos/causativos: *pois, portanto, por conseguinte, assim, logo, enfim, em conclusão, em síntese, em resumo, em suma...*
- Explicativos: *é que, noutros termos, ou seja ou antes, por outras palavras, a saber, de outro modo...*
- Resumativos: *em suma, enfim...*
- Temporais: *Primeiro, em seguida, então, mais tarde, depois, ao mesmo tempo...*
- Ilustrativos: *por exemplo, mais concretamente, nomeadamente, em particular, entre outros.*

(Trindade et alii.. 2011: 2)

Nos conetores do discurso podemos ainda verificar a ligação entre enunciados como forma de constituir uma conexão semântica e pragmática entre os diferentes factos discursivos quer a nível de escrita quer a nível da oralidade. Deste modo podemos dizer que o uso destes conetores é essencial para que haja uma ligação coerente entre os vários componentes do texto produzido.

CAPÍTULO II

Descrição e desenvolvimento do projeto de intervenção

Neste capítulo, será apresentado o contexto no qual o plano de intervenção foi colocado em prática e uma reflexão sobre a observação de aulas que permitiu formular os objectivos e o modo como seriam colocados em prática. Neste momento académico de transição, em que é preciso deixar o papel de aluno e vivenciar as responsabilidades que a profissão docente acarreta, a observação de aulas assume um papel fundamental, pois permite ao professor estagiário conhecer as turmas nas quais lecionará, mas também das responsabilidades que o aguardam.

Ainda neste capítulo serão apresentadas as actividades propostas na turma de Português e na turma de Latim e será também apresentada uma análise dos textos que os alunos realizaram, o que permitirá, em termos globais concluir se os objectivos propostos inicialmente foram concretizados.

2.1 Enquadramento contextual

A Escola Secundária de Alberto Sampaio (ESAS), onde se desenvolveu este projeto, apresenta um vasto leque de ofertas de formação, tais como os cursos de Científico-Humanísticos (progressão nos estudos); Cursos Profissionais, e Centros de Educação e Formação; Centro de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências; Ensino Recorrente, Cursos Tecnológico e um Centro de Novas Oportunidades.

A ESAS surgiu no século XIX (1884), sendo, inicialmente, denominada Escola Industrial Bartolomeu dos Mártires, que, desde logo, se colocou ao serviço do ensino técnico. Atualmente, esta Escola é frequentada por estudantes bastante heterogéneos, e teve que se adaptar para poder corresponder a todas as necessidades destes mesmos alunos.

O Projeto de Intervenção Pedagógica foi realizado na ESAS na turma B do 11ºano do Curso de Ciências e Tecnologias, no âmbito da disciplina de Português. Esta turma era constituída por vinte e seis alunos, dezoito dos quais do sexo feminino e os restantes oito do sexo masculino e cuja idade média rondava os quinze anos.

Pelas informações que nos foram fornecidas pela Escola, podemos constatar que não existia qualquer retenção entre os alunos, que cerca de 50% dos encarregados de educação não possui o nível de escolaridade obrigatória e que apenas 8% destes

encarregados de educação/pais possuía um curso superior. Estávamos, pois, perante uma turma que apresentava, mesmo assim, bons resultados de aprendizagem, tanto em Português como nas restantes disciplinas.

Durante o processo de observação nas aulas de Português e na Oficina de Latim, mesmo não tendo verificado grandes dificuldades ao nível da competência de escrita dos alunos, considerei pertinente desenvolver um projeto neste domínio, trabalhando a escrita como uma atividade complexa e nas suas dimensões globais, mas sobretudo ao nível do desenvolvimento da capacidade de construção de textos argumentativos.

Entretanto, como a Escola não possuía turmas de Latim, a presente intervenção será implementada numa Oficina de Latim, cuja existência tem como objetivo evitar a extinção do ensino da Língua Latina e promover o seu conhecimento por partes de todos os alunos que em tal estejam interessados.

A turma de Oficina de Latim era composta por cerca de sessenta alunos que frequentavam o 10º, 11º e 12º ano de vários cursos. Esta disciplina não dispunha de um programa previamente definido, não sendo os alunos submetidos a qualquer tipo de avaliação, quer formativa, quer sumativa: a sua presença nas aulas representava o acréscimo de um valor na nota final da disciplina de Português. Durante as aulas observadas e registadas, verificou-se interesse e empenho por parte de alguns destes alunos.

2.2 Observação de aulas

O período de observação funcionou como uma ferramenta para a preparação das minhas aulas, e para o desenvolvimento de conhecimento em torno do domínio da Escrita, tema do meu Projeto de Intervenção. A observação das aulas revelou-se fulcral para a aprendizagem de estratégias e métodos de ensino essenciais à prática docente como também propiciou o contacto com a realidade do contexto de sala de aula, algo que apenas conhecia enquanto aluna.

O período inicial de observação das aulas na disciplina de Português ocorreu durante a lecionação da obra de Eça de Queirós, *Os Maias*. A participação, desempenho e dedicação da turma de Português na realização das actividades propostas, durante a observação de aulas, revelou-se bastante positiva. Foi-me possível assim conhecer as

práticas dos alunos em termos das diferentes competências, mas sobretudo ao nível da expressão escrita.

Relativamente à disciplina de Latim importa referir que o período de observação de aulas decorreu numa Oficina, porque a escola não possuía turmas de Latim. A turma da Oficina era composta por cerca de sessenta alunos do 10º, 11º e 12º anos de vários cursos e tinha como objetivo dar a conhecer aos alunos alguns aspetos importantes da cultura Latina, evitando assim a extinção do ensino do Latim. Ao longo das aulas, a professora cooperante procurou estimular os alunos, facultando-lhes alguns vocábulos latinos, informações sobre a cultura e a religião que se distinguem da actualidade, apesar de serem herdeiras dessa matriz clássica. Durante a observação das aulas pude verificar que os alunos não possuíam conhecimentos suficientes acerca dos conteúdos abordados, relativos ao Latim ou à Cultura Clássica, para poderem intervir de modo coerente e consistente. O número excessivo de alunos na turma dificultou, também, um pouco o bom funcionamento das aulas e o período de observação.

O processo de avaliação verificado nas duas disciplinas era bastante diferente. Na disciplina de Português existia uma avaliação dos trabalhos realizados ao longo das intervenções a nível da Leitura, da Oralidade, da Escrita e da Gramática. Para além desta avaliação contínua, os alunos submetiam-se a dois testes sumativos, cujo resultado final era adicionado aos valores obtidos nos trabalhos realizados durante as aulas. Por sua vez, como a Oficina de Latim não dispunha de um programa definido, pelas razões anteriormente apresentadas, os alunos não eram submetidos a um processo de avaliação sumativa. Neste contexto, verificou-se que a presença nas aulas e a participação oral nas mesmas funcionava como uma espécie de avaliação, sendo que aos alunos assíduos e participativos era atribuído um valor de bonificação na nota final da disciplina de Português.

Em suma, o período de observação de aulas regidas pelos orientadores foi uma experiência enriquecedora sendo que permitiu conhecer os alunos, conhecer as responsabilidades de um professor, como também serviram de fonte de inspiração e motivação para as aulas que iria lecionar.

Assim, as reflexões que se seguem centram-se na apresentação e discussão das actividades realizadas durante a minha intervenção nas disciplinas de Português e na Oficina de Latim.

2.3 Atividades realizadas

2.3.1 Atividades realizadas nas aulas de Português

As intervenções seguintes decorreram no âmbito da disciplina de Português na turma B do 11ºano do Curso de Ciências e Tecnologias. As minhas aulas incidiram sobre os Sermões do Padre António Vieira, nomeadamente o *Sermão de Santo António aos Peixes* e o *Sermão da Sexagésima*, e sobre um discurso de Barack Obama dirigido aos estudantes americanos.

Na primeira sessão intervenção da disciplina de Português (3 de Maio de 2012), abordei a vida e a obra do Padre António Vieira, facultando aos alunos o visionamento de um pequeno excerto do filme de Manoel de Oliveira intitulado *Palavra e Utopia*. Realizei também uma exposição sobre a arte barroca do século XVII (ver em Anexo 2) e iniciei o estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*. Durante a aula, procurei estimular a participação dos alunos através de algumas questões sobre os conteúdos abordados, e de algumas atividades, tal como a promoção de um texto argumentativo no final da aula sobre a expressão latina *Vos estis sal terrae* (Vós sois o sal da terra).

As intervenções seguintes basearam-se na leitura e na análise dos sermões do Padre António Vieira e do discurso de Barack Obama, a partir dos quais realizei com os alunos algumas atividades para consolidar os conteúdos abordados durante a aula. A participação dos alunos foi bastante positiva, apesar de se notar um desconhecimento geral das obras apresentadas.

A última aula (22 de Março de 2012) coincidiu com a Oficina de Escrita, na qual foi pedido aos alunos a elaboração de textos argumentativos sobre a importância da *internet* nos dias de hoje ou sobre a temática da dignidade humana e do respeito pelos direitos humanos no nosso tempo.

Esta atividade pretendia que os alunos colocassem em prática os conhecimentos dos alunos relativamente ao texto argumentativo, à sua estrutura e finalidade. Assim, aula teve início com a apresentação dos dois temas a partir de duas imagens (ver em Anexo 3) que serviram de base para a elaboração do texto argumentativo. As imagens apresentadas durante a Oficina de Escrita tinham como objetivo motivar os alunos e dinamizar a aula como forma de apelar aos conhecimentos dos discentes para a elaboração do textos argumentativo.

Durante a leitura e apresentação dos temas, indiquei alguns exemplos que os alunos podiam utilizar como mote para a construção dos seus textos argumentativos. Terminada a explicação e exemplificação foram distribuídas pelos alunos fotocópias com o respetivo tema e a tarefa a executar.

Texto Argumentativo 1

Atenta na seguinte citação:

“Norbert Bolz, pensador e filósofo alemão, considera a Internet um meio de aquisição de conhecimento superficial, embora desvalorize a reflexão”

Elabora um texto bem estruturado com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras. Apresenta uma reflexão sobre a temática da internet nos dias de hoje.

Texto Argumentativo 2

Atenta na seguinte citação:

Sobre o Pe. António Vieira, de cujo nascimento (1608) se comemoram os quatrocentos anos, escreveu Guilherme d'Oliveira Martins no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*:(13-26/Fevereiro/2008): “Foi um visionário, um diplomata, um pregador da Capela Real, um conselheiro avisado, um humanista, um lutador pelo respeito da dignidade humana, à frente do seu tempo, e um artífice, como houve muito poucos, da palavra dita e escrita”.

Elabora um texto bem estruturado com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras. Apresenta uma reflexão sobre a temática da dignidade humana e do respeito pelos direitos humanos no nosso tempo.

Para a realização desta tarefa, a turma foi dividida em duas partes, tendo em conta que existiam dois temas. Aos alunos localizados no lado direito da sala foi

atribuído o texto argumentativo 1, referente à utilização da internet, e aos do lado esquerdo o texto argumentativo 2, que abordava a defesa da dignidade e dos direitos humanos. Cada texto argumentativo deveria apresentar no mínimo duzentas e no máximo trezentas palavras (aproximadamente trinta linhas).

Durante a elaboração do texto argumentativo pretendia-se que os alunos: fizessem um texto bem estruturado, planificassem e que evidenciem conhecimentos sobre os mecanismos de coesão textual; que utilizassem um registo de língua adequado ao texto e recursos da língua expressivos, não esquecendo também o uso de informação ampla e diversificada.

Pretendia-se com esta tarefa que os alunos dividissem o seu texto argumentativo em três partes distintas: a introdução, apresentando o tema, a tese, os objetivos e intenções do discurso; o desenvolvimento, explicitando a tese a partir de reformulação, de exemplos, argumentos, contra-argumentos, reformulação dos argumentos e refutação dos contra-argumentos; e, por último, a exortação focando os aspetos mais importantes.

Apesar de muito curta na sua duração, a Oficina de escrita revelou-se importante para o meu Projeto de Intervenção, porque me permitiu recolher dados importantes, nomeadamente ao nível da competência de escrita no contexto sala de aula e do trabalho realizado durante as intervenções.

2.3.2 Análise dos textos

Depois de uma breve reflexão sobre os diferentes aspetos trabalhados com os alunos de Português, chegou o momento de analisar os textos argumentativos escritos pelos alunos e verificar se o trabalho realizado corresponde ao pretendido.

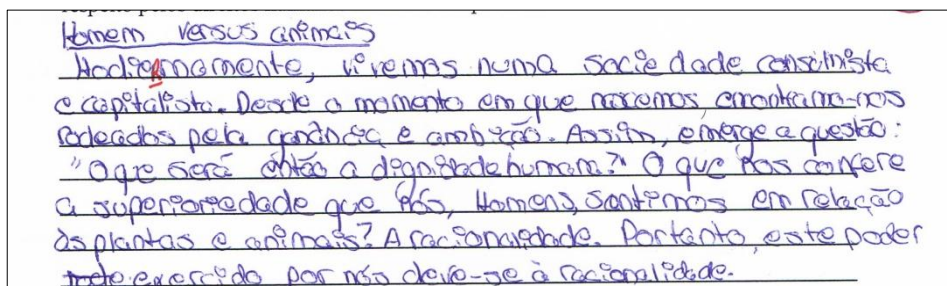
Após a apresentação das imagens e dos temas na Oficina de Escrita na aula de Português, os alunos elaboraram uma planificação no caderno diário como fio condutor para a construção do seu próprio texto. Enquanto acompanhava o trabalho dos alunos, pude verificar que todos os alunos realizaram a planificação. No entanto alguns optaram por fazê-lo através de um esquema, colocando os aspetos principais por tópicos, e outros já em forma de texto.

A partir da estrutura da planificação os alunos elaboraram um texto tendo em conta os três momentos textuais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na introdução, pode-se constatar que a maioria dos alunos apresenta o tema e a tese do discurso. No que diz respeito a esta fase do texto verifica-se que de uma forma geral o desempenho de todos os alunos foi bastante positivo quer na produção do texto argumentativo 1, que consistia abordar e desenvolver a temática da *internet* nos dias de hoje, quer do texto argumentativo 2, que tinha como objetivo refletir sobre a temática da dignidade humana e do respeito pelos direitos humanos na atualidade, tendo como base a história e os textos apresentados nas aulas dadas acerca do Pe. António Vieira.

De forma unânime, os alunos apresentam um parágrafo conciso e coerente para apresentar o tema que lhes foi atribuído como atividade de escrita e desenvolver a sua tese acerca do mesmo.

Nos textos produzidos pelos alunos verifica-se ainda que nesta fase textual alguns deles se mostram suspensivos acerca da temática da dignidade humana e do respeito pelos direitos humanos nos nossos dias apontando alguns aspetos negativos pelo facto de ainda sentirem que existe uma certa discriminação social, uma sociedade repleta de preconceitos, escravidão e violação dos direitos humanos

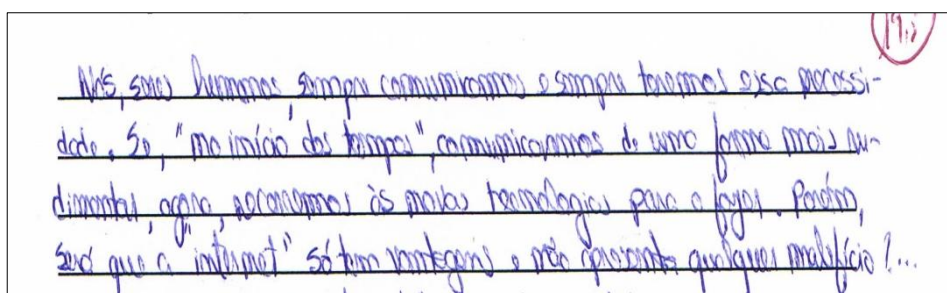


Handwritten text by Aluno A, titled "Homem versus animais". The text discusses the relationship between humans and animals in a consumerist and capitalist society, questioning the concept of human dignity and the superiority of humans over plants and animals. It concludes that the power exercised by humans should be based on rationality.

Homem versus animais
Atualmente, vivemos numa sociedade consumista e capitalista. Desde o momento em que nascemos, encontramos rodeados pela ganância e ambição. Assim, emerge a questão: "O que será então a dignidade humana?" O que nos confere a superioridade que nós, humanos, sentimos em relação às plantas e animais? A racionalidade. Portanto, este poder que exercido por nós deve-se à racionalidade.

Figura 1 – Texto do aluno A

Por outro lado, a maioria dos alunos que trabalhou a temática da *internet* (texto argumentativo 1) apresentam pontos positivos na utilização desta enquanto ferramenta de trabalho e de aquisição de conhecimentos.



Handwritten text by Aluno B, discussing the evolution of human communication. It notes that humans have always communicated and that the internet is a modern tool for communication. It questions the impact of technology on human communication.

Nós, seres humanos, sempre comunicamos e sempre tivemos essa necessidade. Só, "no início dos tempos", comunicamos de uma forma mais rudimentar, agora, recorremos às novas tecnologias para o fazer. Porém, será que a "internet" só tem vantagens e não apresenta qualquer maléfico?...

Figura 2 – Texto do aluno B

Relativamente ao desenvolvimento, verifica-se que a maioria dos alunos conseguiu respeitar e seguir a planificação elaborada e que reformularam a tese apresentada na introdução com argumentos plausíveis e coesos, relatando exemplos consistentes e apelativos para a defesa da sua tese.

Nesta fase de elaboração do texto argumentativo os alunos recorreram ao uso de conectores discursivos ou articuladores do discurso como por exemplo aditivos ou sumativos (e, além disso, e ainda...), argumentativos (mas, todavia, no entanto, contudo, portanto, em suma...), concessivos/adversativos (todavia, contudo, mas, apesar de...), conclusivos e explicativos/causativos (portanto, assim, em conclusão, ou seja, em suma...) e resumativos (em suma, enfim...) como forma de estabelecer uma coesão textual entre os parágrafos.

Uma nova forma de comunicação

A necessidade de comunicar constitui uma constante em toda a história da Humanidade. Porém, com a evolução científica e processos como a globalização, essas formas de comunicação foram sendo alteradas.

Inicialmente, a comunicação entre populações baseava-se, de forma rudimentar, nos sinais sonoros ou de fumo. Em seguida, e de forma gradual estes sinais deram lugar às cartas, aos telegramas, à rádio, à televisão e por último (agora o mais utilizado) à internet.

Esta forma de comunicação trouxe aos seus utilizadores vários aspectos benéficos. Entre eles acho bastante adequado o facto de evidenciar a possibilidade de comunicações em tempo real quer auditiva, escrita ou visual. Para além desta vantagem, também a difusão de dados nas comunidades pode ser uma vantagem tendo em conta que através da internet podemos divulgar informação crucial para o bem estar das populações (saúde pública).

Em contrapartida, a internet pode trazer muitas desvantagens relacionadas com a superficialidade das relações que se estabelecem nas redes sociais muito utilizadas modernamente. Do mesmo modo, também a divulgação de informação incorreta ou imprópria pode constituir uma desvantagem.

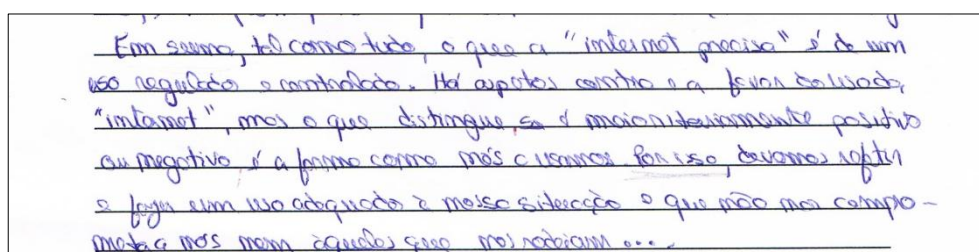
Assim, fazendo um balanço entre os benefícios e os malefícios do uso da internet poderemos dizer que tudo depende da forma como esta é utilizada já que perante um motor de busca temos acesso a toda a tipo de informação.

Portanto, pensando agora na essência mais básica da comunicação que será a relação real estabelecida entre indivíduos não estaremos nós a afastarmo-nos dessa definição? Talvez sim... Com o mundo virtual que o Homem está a criar, a cada altura, não conheceremos nada mais a não ser um site (site "na língua inglesa") na internet onde poderemos conhecer diferentes culturas e sobre nós, não saberemos mais nada a não ser os dados do nosso perfil elaborados "online" para que todos possam ter acesso.

Figura 3 – Texto do aluno C

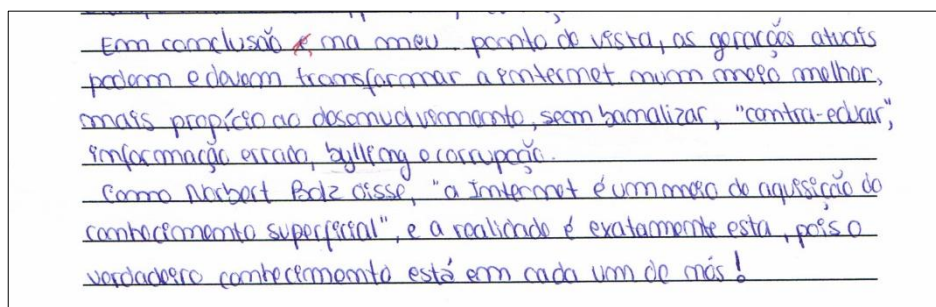
Ainda que se verifiquem alguns erros de ortografia e de pontuação em alguns textos elaborados pelos alunos, sobretudo na aplicação de vírgulas e pontos finais, o trabalho realizado por eles foi bastante produtivo e enriquecedor no que diz respeito à produção dos textos argumentativos como forma de se pronunciarem sobre os temas propostos e defenderem a sua posição.

No que diz respeito à conclusão, a maioria dos alunos retomou a tese apresentada inicialmente na introdução e fez uma apresentação sumária dos aspetos referidos no desenvolvimento do texto.



Em suma, tal como tudo, o que a "internet precisa" é de um uso regulado e controlado. Há aspetos positivos e a favor do uso da "internet", mas o que distingue, se é maioritariamente positivo ou negativo, é a forma como nós a usamos. Por isso, devemos refletir e fazer um uso adequado e mesmo sábia o que não nos compõe - mas a nós mesmos, aquilo que nos rodeiam...

Figura 4 – Texto do aluno B



Em conclusão, na meu ponto de vista, as gerações atuais podem e devem transformar a internet num meio melhor, mais propício ao desenvolvimento, sem banalizar, "contra-educar", informação errada, bullying e corrupção.
Como Robert Bolt disse, "a Internet é um meio de aquisição do conhecimento superficial", e a realidade é exatamente esta, pois o verdadeiro conhecimento está em cada um de nós!

Figura 5 - Texto do aluno D

2.3.3 Atividades realizadas nas aulas de Latim

A minha primeira intervenção nas aulas de Latim ocorreu no dia 7 de Março de 2012 na Oficina de Latim e o tema central foi a religião.

A aula teve início com a apresentação aos alunos do poema de Miguel Torga “Livro de Horas” (ver em anexo 5), a partir do qual deveriam descobrir o conteúdo que seria abordado e que estava presente ao longo do poema. Após a leitura, pedi aos alunos que observassem alguns aspetos importantes do poema e que os fossem registando no caderno diário.

Finda esta atividade, e consciente da importância dos recursos audiovisuais, apresentei aos alunos um diapositivo com os principais deuses romanos (ver em anexo 4). Ao longo desta apresentação, pude verificar que os alunos possuíam alguns conhecimentos que advinham das aulas de Português sobre os deuses e o seu significado.

De seguida, facultei aos alunos alguns aspetos relevantes acerca dos valores morais romanos e do contributo do Cristianismo para a sociedade na era dos romanos. Durante esta exposição, fui apelando à participação dos alunos através de questões.

A aula terminou com o visionamento de algumas imagens (ver em anexo 6) e com a elaboração de um texto argumentativo sobre os conteúdos abordados durante a aula. Os textos produzidos pelos alunos demonstraram registo de informação e interesse por alguns aspetos destacados na aula.

2.3.4 Análises dos textos

Como foi referido anteriormente, no final da aula de Latim foi proposto aos alunos que realizassem um texto argumentativo sobre a temática da religião, abordada na aula. Após uma observação dos textos elaborados, verifica-se que alguns alunos conseguiram ser mais expansivos e peculiares na apresentação do tema e defesa da tese do discurso, enquanto outros se limitaram a escrever uma opinião superficial apontando alguns aspetos negativos e realçando as suas crenças.

O que é, para mim, a religião?

Para mim, a religião é uma forma de comunicarmos com uma força superior em que acreditamos. ~~Esta forma, quando~~ As pessoas sentem-se melhor se acreditarem, por exemplo, que a vida não termina com a morte, que existe um lugar melhor para onde se vai depois de morrer. Existem muitos tipos de religiões ~~estas~~. As pessoas são da religião que lhes foi ensinada desde crianças, ou então, com aquela com que melhor se identificam. Cada um vive a sua vida em função daquilo ~~em~~ em que acreditam, na sua religião.

Pensam que tendo uma religião não se sentem tão sozinhos.

Figura 6 – Texto do aluno A

Na minha opinião a religião sempre foi e sempre será um jogo de interesses. A religião é utilizada como um disfarce do que é um mundo corrupto e controlado pelas grandes figuras da sociedade.

Tomar o exemplo da própria igreja católica, defende a ajuda ao culto e gasta milhões em igrejas e infra-estruturas.

Figura 7 – Texto do aluno B

Apesar de tudo, verificou-se que a aula foi motivadora e esclarecedora para a elaboração dos textos argumentativos porque a partir desta os alunos conseguiram definir e desenvolver as suas opiniões acerca do tema, quer positivas, quer negativas.

Esta atividade tinha como finalidade verificar se os conteúdos abordados foram apreendidos pelos alunos e se conseguiam formular uma opinião pessoal e objetiva sobre o que aprenderam.

CAPÍTULO III

Considerações finais

O presente Relatório demonstra o trabalho realizado durante o estágio profissional realizado na Escola Secundária de Alberto Sampaio.

Em termos pessoais, devo salientar que foi sem dúvida uma experiência bastante vantajosa para o meu futuro enquanto docente. Os desafios e as aprendizagens foram constantes, algo que me proporcionou motivação e interesse para conseguir concluir este ciclo de formação profissional.

A interação com os alunos e a realidade do contexto da sala de aula foram essenciais para o meu desempenho como professora estagiária, algo de que até não possuía qualquer conhecimento. Durante as minhas intervenções, os alunos revelaram um comportamento adequado, interesse e empenho durante a realização das atividades.

Enquanto professora estagiária considero o estágio como o início de um longo de desafio e um conjunto de novas aprendizagens que jamais serão esquecidas, quer a nível profissional, quer a nível pessoal.

No que diz respeito à implementação do projeto de intervenção, os objectivos foram cumpridos. A partir de uma reflexão sobre o momento de escrita e a partir da leitura dos textos finais produzidos na Oficina de Escrita, na disciplina de Português, pode-se concluir que os alunos tomaram consciência da importância da planificação na construção de um texto, quer argumentativo ou não.

A participação dos alunos nas aulas foi muito satisfatória, possibilitando uma maior interação entre professor/aluno durante a abordagem dos conteúdos propostos nos sumários.

Além disso, este estágio fez-me ver que o aluno deve ser sempre o ator principal de todas as intervenções em contexto sala de aula e que a sua participação e disponibilidade são fundamentais para o bom funcionamento das aulas.

Em suma todo o trabalho realizado foi sem dúvida:

“Paixão por uma ideia irrecusável: gente foi feita para ser feliz! E é esse o nosso trabalho (de educadoras e educadores); não só nosso, mas também nosso. Paixão pela inconformidade de as coisas serem como são; paixão pela derrota da desesperança; paixão pela ideia de, procurando tornar as pessoas melhores, melhorar a si mesmo ou mesma; paixão, em suma, pelo **futuro**”. (Cortella, 1998:157)

Referências Bibliográficas

- ALTHEIM, Franz (1955). *La religion romaine antique*. Paris: Payot.
- AMOR, Emília (1993). *Didáctica do Português*. Lisboa: Texto Editora.
- BARBEIRO, Luís Filipe (1999). *Os alunos e a expressão escrita: consciência metalinguística e expressão escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BARBOSA, Maria José (2008). *Análise: Sermão de Santo António aos Peixes de Padre António Vieira*. Lisboa: Sebenta Editora.
- CARVALHO, José António Brandão S. (1999). *O Ensino da Escrita: da teoria às práticas pedagógicas*. Braga: UM. – IEP.
- CARVALHO, José António Brandão (2001). *O ensino da escrita*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- CARVALHO, José António Brandão (2003). *Escrita. Percursos de investigação*. Braga: Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- CASTRO, R. (1995). *Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar*. Braga: UM – IEP – CEEP.
- CONTRERAS DOMINGO, José (1997). *La autonomia del profesorado*. Madrid: Ediciones Morata.
- CORTELLA, Mario Sergio. (1998). *A escola e o conhecimento – fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez – Instituto Paulo Freire.
- CALKINS, Lucy McCormick (1989). *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. (1951). *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Paris: Klincksieck.
- GRIMAL, Pierre (1962). *La Civilisation Romaine*. Paris: Arthaud.
- GUERRA, João *et alii* (2010). *Aula Viva*. Porto: Porto Editora
- HAIGH, Alan (2010). *A arte de ensinar*. Alfragide: Sociedade Editorial, Lda.
- HUMES, A. (1983). Research on The Composing Process. *In Review of Educational Research*, 53 (2), pp.201-216.

- LOMAS, Carlos (2003). *O Valor das Palavras. Falar, ler e escrever nas aulas*. Porto: Asa Editores, S.A.
- LOMAS, Carlos (2006). *O Valor das Palavras (II). Gramática, literatura e cultura de massas na aula*. Porto: Asa Editores, S.A.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / DIRECÇÃO – GERAL DO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO (2002). *Programa de Português 10.º, 11.º e 12.º anos Cursos Científico - Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: ME/DGEBS.
- NISKIER, Arnaldo (2004). *Padre Antônio Vieira e os judeus*. S/l: Imago Editora
- NIZA, I. et alii (2011). *Escrita. Guião de implementação do programa de Português do ensino Básico*. In: <http://www.dgidec.min-edu.pt>
- OLOF, Gigon (1970). *La Cultura Antiqua y el Cristianismo*. Madrid: Ed. Gredos.
- REIS, Graça Viana (2003). *O Ensino/Aprendizagem da textualização escrita*. In *Palavras*, Nº 24, pp. 15-20.
- ROSA, Sanny S. da (1998). *Brincar, conhecer, ensinar*. São Paulo: Cortez.
- TRINDADE, Brígida et alii (2011). *Português Onze – 11.º Ano*. Lisboa: Lisboa Editora.
- VEIGA, Maria José et alii (2004). *Argumentar*. Maia: Ver o Verso Edições, Lda.

Anexos



UNIVERSIDADE DO MINHO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Maria Alexandra Faria Machado de Abreu

**Marcas do discurso argumentativo
no sermão da *Sexagésima*
do Padre António Vieira**

Projeto de Intervenção Pedagógica Supervisionada no âmbito do Mestrado em Ensino de Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Estágio a efetuar:

Sob a orientação do Doutor António Carvalho Silva
Na Escola Secundária Alberto Sampaio

Tendo como Orientadores Cooperantes:

Mestre Eduardo Coelho e Dra. Alvírio Ribeiro

Introdução

Este projeto de intervenção visa trabalhar a expressão escrita, focando o texto argumentativo. A sua pertinência resulta das dificuldades dos alunos perante as práticas de argumentação e contra-argumentação textual. As dificuldades foram verificadas no contexto sala de aula, aquando da observação das mesmas.

O projeto comporta os seguintes tópicos:

1. Temas e objetivos;
2. Enquadramento contextual;
3. Enquadramento teórico;
4. Estratégias de intervenção.

Tema e Objetivos

O presente Projeto de Intervenção Pedagógica, a implementar no ano letivo de 2011/2012, surge no âmbito da unidade curricular de *Estágio Profissional* do 2º ano do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário.

Esta intervenção aplica-se ao domínio da escrita, mais concretamente à questão do texto argumentativo. Na implementação do projeto, pretendemos atingir alguns objetivos direcionados para o desenvolvimento das capacidades argumentativas e, em geral, das competências de expressão escrita dos alunos.

O projeto de intervenção terá por base os seguintes objetivos gerais:

- ❖ Promover atividades de escrita associadas a textos argumentativos;
- ❖ Praticar a estrutura argumentativa dos textos (tese, antítese, síntese);
- ❖ Avaliar, ao nível da escrita, a expressão de ideias, de opiniões e de factos de forma pertinente e bem fundamentada.
- ❖ Verificar a influência dos processos do texto argumentativo sobre o recetor.

Tendo em mente estes objetivos, pretende-se, sobretudo, que os alunos compreendam que o texto argumentativo escrito deve ser convincente, de forma a permitir uma argumentação correta e rigorosa, devendo ser sobretudo persuasivo para o leitor a que se destina. Deste modo, esta experiência pedagógica pretende desenvolver os conhecimentos e as competências dos alunos ao nível da expressão escrita, tendo em vista, igualmente, a sua progressão como cidadãos participantes na sociedade e como futuros profissionais.

Enquadramento Contextual

A Escola Secundária Alberto Sampaio (ESAS), onde se desenvolverá este projeto, apresenta um vasto leque de ofertas de formação, tais como os cursos de Científico-Humanísticos (progressão nos estudos); Cursos Profissionais, e Centros de Educação e Formação; Centro de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências; Ensino Recorrente, Cursos Tecnológicos e um Centro de Novas Oportunidades.

A ESAS surgiu no século XIX (1884), sendo, inicialmente, denominada Escola Industrial Bartolomeu dos Mártires. Atualmente, esta Escola é frequentada por estudantes bastante heterogéneos, e teve de se adaptar para poder corresponder a todas as necessidades destes mesmos alunos.

O Projeto de Intervenção Pedagógica será realizado na Escola Secundária Alberto Sampaio na turma B do 11ºano do Curso de Ciências e Tecnologias, no âmbito da disciplina de Português. Esta turma é constituída por vinte e seis alunos, dezoito dos quais do sexo feminino e os restantes oito do sexo masculino, cuja idade média ronda os quinze anos. Pelas informações que nos foram fornecidas pela Escola, podemos constatar que não existe qualquer retenção entre os alunos, que cerca de 50% dos encarregados de educação não possui o nível de escolaridade obrigatória e que apenas 8% destes encarregados de educação/pais possui um curso superior. Estamos, pois, perante uma turma que apresenta bons resultados de aprendizagem, tanto em Português como nas restantes disciplinas.

Durante o processo de observação de aulas constatou-se que os alunos apresentavam algumas dificuldades ao nível das competência de escrita, considerando-

se pertinente, portanto, desenvolver um projeto neste domínio, trabalhando a escrita como uma atividade complexa.

Uma que a Escola não possui turmas de Latim, a presente intervenção será implementada numa Oficina de Latim, cuja existência tem como objetivo evitar a extinção do ensino da Língua Latina e promover o seu conhecimento por partes de todos os alunos.

A Oficina de Latim é composta por cerca de sessenta alunos que frequentam o 10º, 11º e 12º ano de vários cursos. Esta disciplina não dispõe de um programa previamente definido, não sendo os alunos submetidos a qualquer tipo de avaliação, quer formativa, quer sumativa: a sua presença nas aulas representa o acréscimo de um valor na nota final da disciplina de Português. Durante as aulas observadas e registadas, verificou-se interesse e empenho por parte de alguns destes alunos.

Segundo o programa de Português de 10º,11º,12º ano, pretende-se que todos os alunos possuam um maior conhecimento da Língua Portuguesa, sobretudo a nível da expressão escrita, na qual serão desenvolvidos textos de forma a verificar o seu poder de argumentação e refutação.

Enquadramento Teórico

O presente Projeto de Intervenção Pedagógica torna-se um desafio no sentido de mostrar aos alunos o valor que a palavra tem na nossa vida, funcionando como um veículo para a nossa afirmação enquanto seres humanos. Através da expressão escrita e da argumentação pretende-se, então, que o aluno se torne mais autónomo e crítico.

Além disso, o registo escrito de informações desempenha um papel fundamental no registo das memórias humanas:

“A escrita é uma força determinante na resistência aos efeitos delapidadores do Tempo. Contra todas as evidências da perenidade da vida, sempre o Homem teimosamente se projectou em marcas que pudessem atestar de forma definitiva a sua breve passagem pelo mundo. Também a escolha cada vez mais exigente dos materiais de suporte da escrita visa uma opção de resistência que demarque definitivamente a memória (individual ou colectiva) da precibilidade da mente humana.” (Reis, 2003: 15)

Podemos, entretanto, referir que a escrita e a própria atividade de escrever se englobam no conjunto de atividades comunicativas praticadas pelo ser humano. Deste modo, o contexto, a sociedade, a cultura e os recetores são essenciais para que este tipo

de comunicação seja plena e satisfatória. O impulso para a atividade de escrever relaciona-se principalmente com o sentido que colocamos no texto produzido.

Em simultâneo, é importante ter noção da mudança de perspectiva no ensino da escrita, passando-se de uma atitude mais “prescritiva” ou avaliativa dos textos para uma postura mais “descritiva”, em que os alunos trabalham os textos nas suas diferentes fases (“pré-escrita, escrita e pós-escrita”), como se pode concluir das afirmações de Humes (1983):

“Ao mesmo tempo, abandona-se uma atitude predominantemente prescritiva, baseada na abordagem de textos considerados exemplares, sobretudo de natureza literária, e passa-se a adoptar uma atitude mais descritiva, fundada na observação da actividade de sujeitos concretos a escreverem os seus textos. A partir desta observação de indivíduos que escrevem começa a ser posta em causa uma concepção linear do acto de escrita, visto como uma sucessão de fases (pré-escrita, escrita e pós-escrita), que descreve o desenvolvimento dos textos/produtos, mas nada nos diz acerca dos processos interiores das pessoas que os constroem.”

A atitude interior e crítica de cada sujeito deve ser desenvolvida e analisada, de modo a perceber todo o processo de construção realizado, tendo como produto final o próprio texto. O importante não é somente construir, mas sobretudo a forma como se constrói.

“Antes de mais, importa considerar que, normalmente, se ensina e se aprende a escrever no âmbito de uma disciplina, a de língua materna, que apresenta como característica específica o facto de o seu objecto (de ensino/aprendizagem), a língua, ser, simultaneamente, o meio da sua própria transmissão.” (Castro, 1995).

Deste modo, podemos dizer que a expressão escrita funciona como um método de intervenção pedagógica através do qual os alunos têm uma maior ligação a outros domínios além da escrita. Para que os alunos aprendam a escrever é necessário realizar uma construção e um desenvolvimento dos seus conhecimentos de Língua Portuguesa, sendo este considerado um novo paradigma a nível da educação.

“A intervenção educativa durante o processo de construção discursiva permite, por um lado, oferecer ajudas para melhorar o texto antes de o terminar; por um lado, permite mostrar aos estudantes que escrever é um processo complexo de construção e reconstrução textual, isto é, permite modelizar a conduta dos estudantes para que concebam que escrever é

planificar, escrever e reescrever, que nenhum escritor redige o texto de uma só vez. Torna possível, assim, que os aprendizes se iniciem em operações de planificação, que aprendam a escrever reconsiderando os seus planos e que aprendam a rever em todos os níveis.” (Lomas, 2003: 209).

Pretende-se, por conseguinte, a partir da intervenção educativa que os alunos desenvolvam competências ao nível da planificação, da textualização e da revisão do texto argumentativo. Sendo que o ensino da escrita é constituído por três dimensões fundamentais: a planificação, na qual são estabelecidos objetivos de comunicação, o tipo de texto e discurso; a textualização, na qual se valoriza toda a organização linguística do texto; e a revisão que trata sobretudo da verificação dos resultados textuais obtidos.

Estratégias de intervenção

Através da elaboração de atividades pedagógicas, pretende-se desenvolver o poder de argumentação e de crítica dos nossos alunos. Com esse fim, será trabalhado, nas aulas de Português, o sermão da *Sexagésima* do Padre António Vieira e um discurso de Barack Obama dirigido a estudantes.

A prática da produção escrita argumentativa será o principal elemento de toda a intervenção a implementar, tanto nas aulas de Português como na Oficina de Latim, sendo que nesta serão trabalhadas com os alunos as cartas de Cícero e o tema da Religião, fazendo assim a ponte com os sermões do Padre António Vieira.

O professor não assumirá a postura contínua de mediador, permitindo uma construção compartilhada do saber com os alunos. A avaliação das competências dos alunos adquiridas, durante as aulas, será realizada de forma diagnóstica e observadora, tendo como base a produtividade resultante dos objetivos e das atividades realizadas pelos alunos no âmbito do domínio da escrita.

Pretende-se que o aluno, através de atividades motivadoras, exercite a sua capacidade discursiva de argumentar por escrito, que consiga reter os aspetos mais relevantes do texto, que fundamente posições e questione ideias contrárias.

As atividades a desenvolver com os alunos seguirão, normalmente, um esquema em que se parte da leitura dos textos, da discussão de ideias para o registo escrito das mesmas. Depois desta fase de planificação, seguir-se-ão momentos de textualização e

de revisão das produções. Os alunos serão orientados no sentido da produção de textos de base argumentativa.

Referências bibliográficas:

CARVALHO, José António Brandão S. (1999). *O Ensino da Escrita: da teoria às práticas pedagógicas*. Braga: U.M. – I.E.P.

CASTRO, R. (1995). *Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar*. Braga: U.M. – I.E.P. – C.E.E.P.

HUMES, A. (1983). “*Research on The Composing Process*”. In *Review of Educational Research*, 53 (2), pp. 201-216.

LOMAS, Carlos (2003). *O Valor das Palavras. Falar, ler e escrever nas aulas*. Porto: Asa Editores,S.A.

REIS, Graça Viana (2003). *O Ensino/Aprendizagem da textualização escrita*. In *Palavras*, Nº 24, pp. 15-20.

SEIXAS, J. et al. (2002). *Programas de Português do Ensino Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação.

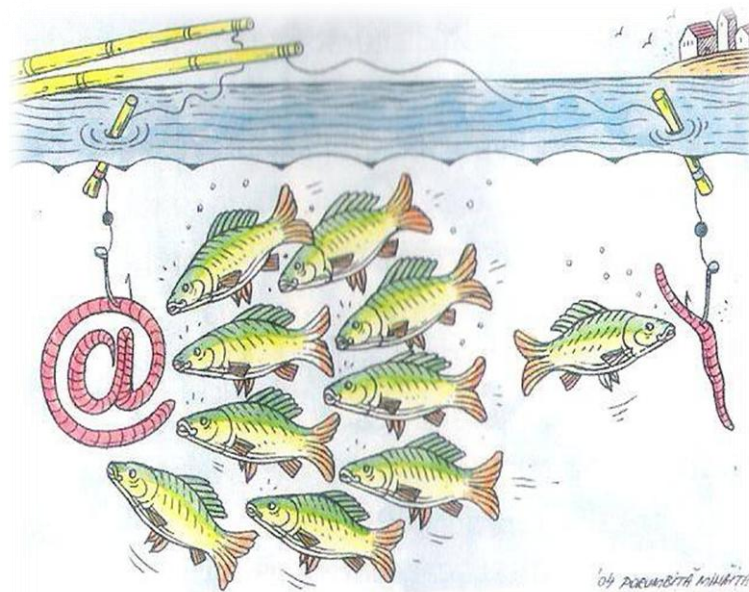
TRINDADE, Brígida, et al. (2011). *Português Onze – 11.º Ano*. Lisboa: Lisboa Editora

Anexo 2

LIVRO DE HORAS		
<p>Aqui, diante de mim, Eu, pecador, me confesso De ser assim como sou. Me confesso o <u>bom e o mau</u> Que vão em leme da nau Nesta deriva em que vou. Me confesso Possesso Das <u>virtudes teologais</u>, Que são três, E dos <u>pecados mortais</u> Que são sete, Quando a terra não repete Que são mais Me confesso, O dono das minhas horas. O das facadas cegas e raivosas E das ternuras lúcidas e mansas. E de ser de qualquer modo Andanças Do mesmo todo.</p>	<p>Tema: a religião</p> <p>↓</p> <p>Problemática religiosa em Miguel Torga</p>	<p>Me confesso de ser charco E luar de charco, à mistura. De ser a corda do arco Que atira setas acima E abaixo da minha altura. Me confesso de ser tudo Que possa nascer em mim. De ter raízes no chão Desta minha condição. Me confesso de <u>Abel e de Caim</u>. Me confesso de ser Homem. De ser <u>anjo caído</u> Do tal céu que <u>Deus</u> governa; De ser o <u>monstro saído</u> <u>Do buraco mais fundo da caverna</u>. Me confesso de ser eu. Eu, tal e qual como vim Para dizer que sou eu Aqui, diante de mim!</p> <p>Miguel Torga, O outro livro de Job</p>

LIVRO DE HORAS		
Aqui, diante de mim, Eu, pecador, me confesso De ser assim como sou. Me confesso o bom e o mau Que vão em leme da nau Nesta deriva em que vou. Me confesso Posseço Das virtudes teologais, Que são três, E dos pecados mortais Que são sete, Quando a terra não repete Que são mais Me confesso, O dono das minhas horas. O das facadas cegas e raivosas E das ternuras lúcidas e mansas. E de ser de qualquer modo Andanças Do mesmo todo.	Fé latim: fides Esperança latim: spes caridade latim: caritas	Me confesso de ser charco E luar de charco, à mistura. De ser a corda do arco Que atira setas acima E abaixo da minha altura. Me confesso de ser tudo Que possa nascer em mim. De ter raízes no chão Desta minha condição. Me confesso de Abel e de Caim. Me confesso de ser Homem. De ser anjo caído Do tal céu que Deus governa; De ser o monstro saído Do buraco mais fundo da caverna. Me confesso de ser eu. Eu, tal e qual como vim Para dizer que sou eu Aqui, diante de mim! Miguel Torga, O outro livro de Job

❖ Diapositivos elaborados pela Orientadora Cooperante



PORUMBITA, Mihaila (Roménia), 2004. S/título, in VII Porto Cartoon
Porto: Museu Nacional da Imprensa/AS

Texto

argumentativo 1



<http://www.unicamania.com/cidade/images/stories/2011/abr/28/miseria-erradicar.jpg>

Texto argumentativo 2

Anexo 4

PRINCIPAIS DEUSES ROMANOS

- Carmenta – deusa das fontes;
- Ceres – deusa dos cereais;
- Faunus – deus dos animais;
- Janus – deus das portas – mantinha a porta aberta para deixar entrar a luz;
- Juno – deusa da mulher;
- Juppiter – deus dos deuses (comparável a Zeus);

PRINCIPAIS DEUSES ROMANOS

- Minerva – deusa da sabedoria, da ciência, da inteligência;
- Liber – deus da vinha;
- Mars – deus da vegetação e, posteriormente, da guerra;
- Pales – deus dos pastos e dos pastores;
- Pomona – deusa dos frutos e das árvores;
- Quirinus – confundido com o deus Mars;

PRINCIPAIS DEUSES ROMANOS

- Saturnus – deus das sementeiras;
 - Tellus – deusa da terra e das colheitas;
 - Vertumnus – deus das estações (de vertere – mudar);
-
- Vesta – deusa do lar;
 - Vulcanus – deus do fogo.

❖ Diapositivos elaborados pela Orientadora Cooperante

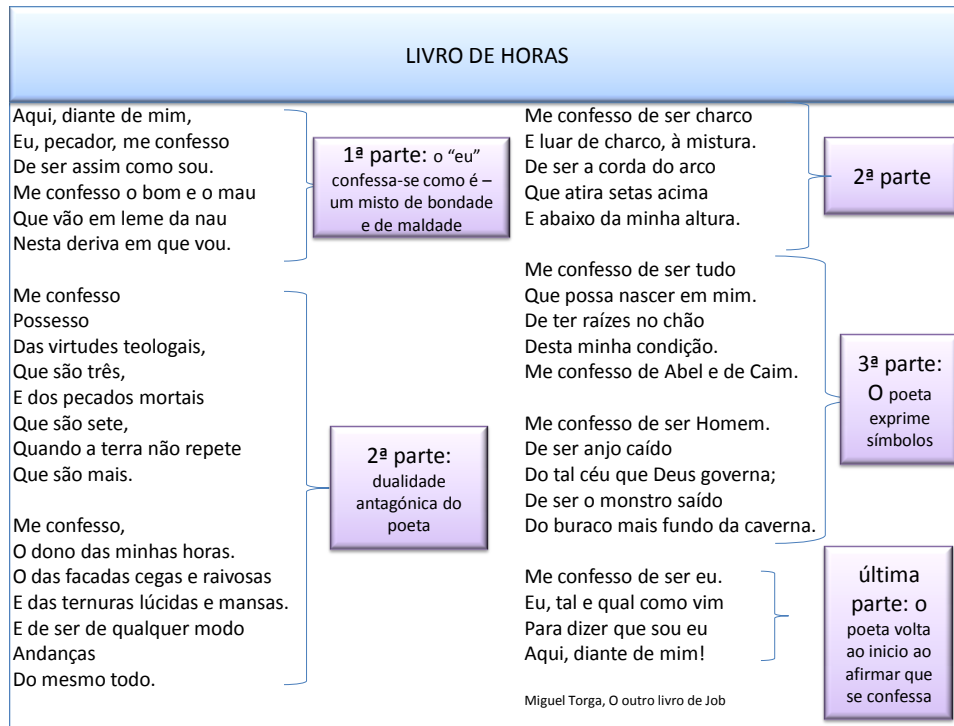
Anexo 5

LIVRO DE HORAS		
<p>Aqui, diante de mim, Eu, pecador, me <u>confesso</u> De ser assim como sou. Me confesso o <u>bom e o mau</u> Que vão em leme da nau Nesta deriva em que vou. Me confesso Possesso Das <u>virtudes teologais</u>, Que são três, E dos <u>pecados mortais</u> Que são sete, Quando a terra não repete Que são mais Me confesso, O dono das minhas horas. O das facadas cegas e raivosas E das ternuras lúcidas e mansas. E de ser de qualquer modo Andanças Do mesmo todo.</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">Tema: a religião</div> <div style="text-align: center; margin: 10px 0;">↓</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">Problemática religiosa em Miguel Torga</div>	<p>Me confesso de ser charco E luar de charco, à mistura. De ser a corda do arco Que atira setas acima E abaixo da minha altura. Me confesso de ser tudo Que possa nascer em mim. De ter raízes no chão Desta minha condição. Me confesso de <u>Abel e de Caim</u>. Me confesso de ser Homem. De ser <u>anjo caído</u> Do tal céu que <u>Deus governa</u>; De ser o <u>monstro saído</u> <u>Do buraco mais fundo da caverna</u>. Me confesso de ser eu. Eu, tal e qual como vim Para dizer que sou eu Aqui, diante de mim!</p> <p>Miguel Torga, O outro livro de Job</p>

LIVRO DE HORAS		
<p>Aqui, diante de mim, Eu, pecador, me confesso De ser assim como sou. Me confesso o bom e o mau Que vão em leme da nau Nesta deriva em que vou. Me confesso Possesso Das <u>virtudes teologais</u>, Que são três, E dos pecados mortais Que são sete, Quando a terra não repete Que são mais Me confesso, O dono das minhas horas. O das facadas cegas e raivosas E das ternuras lúcidas e mansas. E de ser de qualquer modo Andanças Do mesmo todo.</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;">Fé</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 5px auto; background-color: #f8d7da;">latim: fides</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 5px auto;">Esperança</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 5px auto; background-color: #f8d7da;">latim: spes</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 5px auto;">caridade</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 5px auto; background-color: #f8d7da;">latim: caritas</div>	<p>Me confesso de ser charco E luar de charco, à mistura. De ser a corda do arco Que atira setas acima E abaixo da minha altura. Me confesso de ser tudo Que possa nascer em mim. De ter raízes no chão Desta minha condição. Me confesso de Abel e de Caim. Me confesso de ser Homem. De ser anjo caído Do tal céu que Deus governa; De ser o monstro saído Do buraco mais fundo da caverna. Me confesso de ser eu. Eu, tal e qual como vim Para dizer que sou eu Aqui, diante de mim!</p> <p>Miguel Torga, O outro livro de Job</p>

LIVRO DE HORAS			
<p>Aqui, diante de mim, Eu, pecador, me confesso De ser assim como sou. Me confesso o bom e o mau Que vão em leme da nau Nesta deriva em que vou. Me confesso Possesso Das virtudes teologais, Que são três, E dos pecados mortais Que são sete, Quando a terra não repete Que são mais Me confesso, O dono das minhas horas. O das facadas cegas e raivosas E das ternuras lúcidas e mansas E de ser de qualquer modo Andanças Do mesmo todo.</p>	Gula	Me confesso de ser charco E luar de charco, à mistura De ser a corda do arco Que atira setas acima E abaixo da minha altura.	Orgulho ou vaidade
	latim: gula		latim: superbia/vanitas
	Avareza	Me confesso de ser tudo Que possa nascer em mim. De ter raízes no chão Desta minha condição.	
	latim: avaritia		
	Luxúria	Me confesso de Abel e de Caim. Me confesso de ser Homem. De ser anjo caído Do tal céu que Deus governa; De ser o monstro saído Do buraco mais fundo da caverna.	
	latim: luxuria		
	Ira	Me confesso de ser eu. Eu, tal e qual como vim Para dizer que sou eu Aqui, diante de mim!	
	latim: ira		
	Inveja		
	latim: invidia		
Preguiça			
latim: pigritia			
		Miguel Torga, O outro livro de Job	

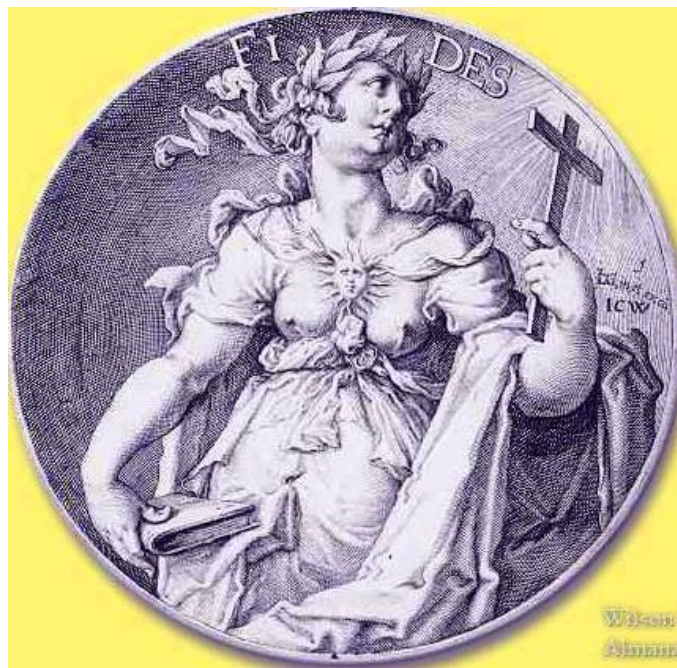
LIVRO DE HORAS				
<p>Aqui, diante de mim, Eu, pecador, me confesso De ser assim como sou. Me confesso o bom e o mau Que vão em leme da nau Nesta deriva em que vou.</p> <p>Me confesso Possesso Das virtudes teologais, Que são três, E dos pecados mortais Que são sete, Quando a terra não repete Que são mais.</p> <p>Me confesso, O dono das minhas horas. O das facadas cegas e raivosas E das ternuras lúcidas e mansas. E de ser de qualquer modo Andanças Do mesmo todo.</p>	1ª parte: o "eu" confessa-se como é – um misto de bondade e de maldade	Me confesso de ser charco E luar de charco, à mistura. De ser a corda do arco Que atira setas acima E abaixo da minha altura.	2ª parte	
	2ª parte: dualidade antagonica do poeta	Me confesso de ser tudo Que possa nascer em mim. De ter raízes no chão Desta minha condição. Me confesso de Abel e de Caim.	3ª parte: O poeta exprime símbolos	
		Me confesso de ser Homem. De ser anjo caído Do tal céu que Deus governa; De ser o monstro saído Do buraco mais fundo da caverna.		
		Me confesso de ser eu. Eu, tal e qual como vim Para dizer que sou eu Aqui, diante de mim!	última parte: o poeta volta ao inicio ao afirmar que se confessa	
		Miguel Torga, O outro livro de Job		



❖ Diapositivo elaborado pela Orientadora Cooperante



Pietas



Fides: Deusa Romana da Palavra e do Destino. Também considerada Deusa da Fé e da Lealdade.

